

Santi Andare Poliandri

George Orwell e a Tradição de “the Condition of
England”

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2011

**Dissertação de Mestrado em Estudos Anglo-Americanos
apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
sob a orientação da Professora Doutora Jacinta Maria Matos**

I – Introdução

Em Fevereiro de 2011, exactamente 75 anos após George Orwell ter efectuado a viagem que daria origem à sua célebre *The Road to Wigan Pier*, decidi eu próprio efectuar uma viagem pelas ruas imortalizadas na página de uma das mais emblemáticas obras do escritor inglês. A situação vivida nas ruas de Wigan e das demais cidades empobrecidas que compõem a zona norte da Inglaterra, que deu o mote a um dos mais conhecidos argumentos a favor da implementação de um sistema político no universo da literatura inglesa, parecia-me então especialmente relevante. Três quartos de século depois de a obra ter sido composta, e sem uma ameaça de guerra iminente como aquela que pairava na época de Orwell, os jornais continuavam a estampar o medo do desemprego como manchete principal, e as condições precárias continuavam a ser uma constante na sociedade, assim como o eram com a queda das grandes indústrias no início do século passado. O que teria mudado, se de facto algo mudara? Ter-se-ia a crise deslocado de um panorama local para um panorama mundial – de crise para Crise – sem que no entanto deixasse de apresentar o mesmo lastro de precariedade ferina que as ruas de Wigan retratavam na década de 30? Tomando então como “base de operações” um “hostel” na zona de Castlefield, em Manchester – numa rua que até hoje toma o nome de “Potato Wharf” devido à predominância dos armazéns de batata que serviam o canal construído para a ligação com o rio Mersey – procurei aos poucos percorrer o caminho que me levaria a uma Wigan pessoal e cognitivamente estruturada, que se entrecruzasse naturalmente com a Wigan de Orwell que me acompanhava durante todos os momentos na mochila de viagem.

À descida da Piccadilly Station, no centro de Manchester, a impressão à primeira vista foi a de uma batalha auspiciosa entre a modernidade e o passado. As enormes vigas de metal e os vidros azulados que adornam os edifícios da zona nova da cidade contrastam em cada esquina com os tijolos em terracota que caracterizam as grandes instalações industriais da época vitoriana. Mas a batalha é injusta. A predominância das imponentes fachadas de antigas potências da época industrial, como o Palace Theatre ou o Midland Hotel, nada permitem às subtilezas arquitectónicas dos novos tempos que não um papel coadjuvante na configuração urbana da cidade. Em 1933, J. B. Priestley diria sobre Manchester que “The city always looks as if it had been built to withstand

foul weather. There is a suggestion of fortress about it” (241). Pouco mudou desde então. O mote de progresso ressona nas estruturas de hoje com a mesma força com que ressonava nas construções que acompanharam o desenvolvimento da Revolução Industrial.

Embora não tenha encontrado, como Orwell descreveu nos seus *Diaries*, “[s]treets encrusted with mounds of dreadful black stuff” (30), estava decididamente “[f]rightfully cold” (*ibidem*). Os meses de Fevereiro na zona norte do país são sempre caracterizados por um frio severo, sendo o tempo um protagonista tão importante na descrição das condições de vida naquela parte do país quanto as condições económicas e sociais. Na sala de lazer do “hostel” – uma verdadeira “lodging house” dos tempos modernos, com acomodações baratas e acessíveis a todos aqueles que dispõem de poucas libras para passar a noite – os quadros coloridos que adornavam a parede adjacente à lareira apresentavam fragmentos de discurso atribuídos às vozes que ajudaram a colocar Manchester no mapa: Noel Gallagher, Ian Brown, Morrissey. Dentre eles, encontro uma cara familiar. “Manchester... The belly and guts of the nation”. Orwell também estava lá, pertinente e perspicaz como sempre.

No dia seguinte rumei em direcção a Wigan. Um autocarro moderno e repleto de anúncios publicitando os mais recentes filmes de Hollywood esperava nos jardins de Piccadilly por todos aqueles que pretendessem fazê-lo. Nos quase 90 minutos que dura a viagem, a paisagem compôs-se principalmente de pequenos vilarejos que outrora usufruíram da afluência industrial da área. Salford, terra natal de Walter Greenwood que também serviu de mote para a sua obra de maior sucesso, *Love on the Dole*, foi o primeiro. Mas pouco havia das “public houses by the score where forgetfulness lurks in a mug; pawnshops by the dozen where you can raise the wind to buy forgetfulness” (Greenwood 11) que caracterizariam o ‘Hanky Park’ de Harry e Sally. Essas foram substituídas por pequenos bazares indianos, restaurantes de kebabs e casas abandonadas que ostentavam o nome de negócios extintos. A sucessão de paisagens semelhantes deu o tom ao resto da viagem: Leigh, Hindley, Ince.

Wigan finalmente chegou, sem fazer da sua chegada um evento de grandes proporções. Eu e os poucos passageiros que percorriam comigo o histórico percurso orwelliano descemos numa estação de autocarros escura e depredada no coração da cidade. Adjacente a esta encontra-se a Wallgate Street, uma rua que percorre o centro de Wigan como uma linha cronológica. Na parte de cima está Market Place, a zona restaurada, com lojas, cafés e restaurantes franquizados que atribuem à cidade o ar

moderno das novas cidades da *Cool Britannia* de Tony Blair. Marcando simbolicamente o fim desta parte, na esquina entre Wallgate e Library Street, encontro o pub Moon Under Water – mas não tive oportunidade de averiguar se obedecia ou não às condições estipuladas por Orwell no ensaio homónimo de 1946 para um pub ideal. O exterior, contudo, embora longe de ser “uncompromisingly Victorian” (qtd. in White¹), parecia suficientemente acolhedor e agradavelmente propício a algumas largas horas de conversa. Descendo a rua, as fachadas assumem um ar progressivamente abandonado, triste, como se conduzissem inelutavelmente o local à sua verdadeira realidade. Cruzando a ponte que serve a estação de Wigan North Western, uma torre no horizonte próximo anuncia a chegada à verdadeira Wigan. Trata-se de uma torre de uma antiga instalação industrial, hoje completamente abandonada, trazida à modernidade apenas pelo sinal anunciando espampanantemente a sua intenção de mudar de ares – “To Let”. Aqui, a poucos metros dessa torre, em meio a parques industriais abertos e vazios e pontos comerciais depredados, encontro dois pequenos prédios em tijolos junto ao canal, um deles uma pizzaria e o outro um pub. Anunciam os dois, com letras douradas e modernas: Wigan Pier.

Numa entrevista dada no dia 2 de Dezembro de 1943 ao programa radiofónico *Your Questions Answered*, Orwell, quando questionado sobre Wigan, respondeu o seguinte: “Well, I am afraid I must tell you that Wigan Pier doesn’t exist. I made a journey especially to see it in 1936, and I couldn’t find it. It did exist once, however, and to judge from the photographs it must have been about twenty feet long” (Orwell, *Diaries* 23). Ao chegar finalmente ao local que emprestou o nome a uma das obras mais prestigiadas da literatura sociológica da primeira metade do século passado, esse pequeno trecho saltou-me à memória. Lá estavam, de facto, dois edifícios sobre o canal de Liverpool. Ambos devidamente caracterizados como Wigan Pier, com direito a placas indicativas e uma modesta projecção turística. Mas Wigan Pier, aquele Wigan Pier que conhecera ao ler a obra que me acompanhava durante toda a viagem e que me motivou a fazê-la, não existia. Não se tratava apenas da ausência de um prédio que estabelecesse uma ligação efectiva entre a minha visita e a visita de George Orwell – os dois prédios que se encontram hoje no cruzamento entre a Wallgate e a Pottery Road são réplicas reconstruídas do término original do canal, erguido em 1777 mas demolido em 1929 – aquele que, nas palavras de Orwell em 1943, “did exist once”. Tratava-se da

¹ Fonte: <http://www.whitebeertravels.co.uk/orwell.html>

ausência de algo maior, uma estrutura cognitiva que pudesse enquadrar aquele Pier em um contexto mais lato, projectá-lo como um símbolo. Orwell, que quando passou por essas mesmas ruas em 1936 encontrou um cenário mais precário do que aquele com que então me deparava, conseguiu estruturar uma imagem mais sólida do que a transmitida pelos dois prédios que compõem hoje aquilo que é conhecido como Wigan Pier. Um Wigan Pier verdadeiro, edificado sobre as ruínas do edifício original, que representara algo verdadeiramente concreto – o retrato de toda uma geração.

Neste trabalho, o que pretendo fazer é trabalhar justamente sobre um dos aspectos dessa dualidade entre o simbólico e o empiricamente estruturado que observei na minha viagem – as obras que compõem o subgênero literário conhecido como “the Condition of England”, ou o estado da Inglaterra. Trata-se de uma tradição que, na sua vertente não-ficcional, explora a viagem como uma forma de reportagem, oferecendo através de observações em primeira pessoa apreciações pessoais sobre o real e sobre a forma como este se manifesta nas ruas, nas estradas e nas pessoas que aparecerão durante o percurso percorrido pelo narrador. Assim, os autores de quem falarei procuram todos preencher uma lacuna semelhante àquela que foi deixada com a reconstrução do Wigan Pier nos anos 80, que é a estruturação de uma configuração identitária cognitivamente estabelecida e comunitariamente compreendida de um país.

Como veremos, essa estruturação é fundamentada quase sempre em motivos práticos. Cruzando discursos e gêneros distintos, como ciências sociais e movimentos literários específicos, esses autores procuravam utilizar as ferramentas que lhes eram fornecidas pela mundivisão de que dispunham para obter uma compreensão abrangente do verdadeiro estado do país, e uma subsequente resposta para aquilo que há neste de mais disfuncional. Essas ferramentas funcionam aqui como uma espécie de linguagem – linguagem esta formada pelo sistema de símbolos políticos e sociais que representam a Inglaterra de cada um desses autores. A Manchester de prédios com tijolos em terracota e estruturas metálicas que eu visitei, por exemplo, é concebida dentro de uma linguagem própria, não nativa e circunscrita a um contexto específico. As Manchesters, assim como as Leeds, as Liverpools e as Wigans desses autores, virão articuladas dentro da linguagem de todo um país, respeitando as nuances e as diversidades que caracterizam o respectivo espírito nacional.

Contudo, mais importante do que a análise da tradição de “the Condition of England” em si será a análise da forma como esta serviu de estrutura de trabalho para a

composição de, e das diferentes formas como com esta se articula com, um representante específico do género. Trata-se de *The Road to Wigan Pier*, de George Orwell, a mesma obra que me inspirou a efectuar a viagem com que comecei este capítulo. Cabe-me no entanto alertar para o fato de a escolha da obra de George Orwell como foco da minha análise ser uma decisão pouco ortodoxa neste contexto, prendendo-se mais com questões conceptuais do que com questões formais. A jornada percorrida por Orwell a Wigan pouco seguiu dos pressupostos comumente associados a uma obra de viagem: não existe aqui a circularidade literal que corresponde a esse modelo, e mesmo os parâmetros mais vagos que são normalmente utilizados para caracterizar um percurso ficam por vezes obscurecidos nesta jornada. Há um ponto de partida – embora este não corresponda a nenhum local com uma familiaridade *fisicamente* estipulada a título prévio por parte do autor – mas não há um ponto de chegada. São poucos os trechos que nos indicam um movimento por parte do narrador, e mesmo esses são enquadrados em estruturas retóricas meticulosas, que talham a espontaneidade e o sentido de busca que normalmente é associado à movimentação dentro do contexto da viagem. E a própria apresentação dos locais visitados corresponde mais a uma ordem retoricamente pensada do que à verdadeira sucessão cronológica dos eventos.

Todavia, conforme observei na minha própria viagem a Wigan, *The Road to Wigan Pier* apresenta-nos um exemplo exímio da conjugação entre o simbólico e o empírico que está no coração de “the Condition of England”. Observando a realidade que lhe demonstravam as ruas e os becos de Wigan e de cidades com situações semelhantes, Orwell traçou um retrato de toda a geração de desempregados e destituídos que viviam na Inglaterra dos anos entre guerras; um retrato político e social perspicaz e proactivo, que ficaria na história da literatura inglesa como uma das mais bem sucedidas exposições sobre as condições do país. Desta forma, podemos traçar uma analogia entre a ausência do Pier na Wigan de Orwell com a relevância da sua obra num contexto mais lato: assim como o Pier ausente, aquele estipulado como o provável derradeiro destino da sua jornada, Orwell também se dirige na sua jornada a caminho de uma sociedade inexistente, mais igualitária e tolerante no âmbito das políticas socialistas que defende – uma utopia que, assim como o Pier, precisava de mãos mais capazes e dispostas para ser erguida.

O meu objectivo no final do trabalho será, assim, não só estipular de que outras maneiras esta obra de Orwell se conjuga com os demais exemplos de literatura de “the Condition of England”, mas também fazê-lo de forma a que consiga obter uma resposta

a questões semelhantes àquelas que propus no primeiro parágrafo do texto. O que, realmente, muda numa sociedade, quando a precariedade e as iniquidades continuam a ser hoje uma parte tão presente do quotidiano quanto eram no passado? E, ainda mais importante, de que forma essas obras poder-nos-ão ajudar a compreender essas mudanças, e quais são as ferramentas utilizadas para tal tarefa?

A divisão básica do trabalho que pretendo desenvolver será composta de três partes essenciais. Na primeira, irei analisar “the Condition of England” como um subgénero autónomo, com as devidas características e os relevantes factores que contribuíram para o seu surgimento, ajudaram o seu estruturamento e mantiveram o seu reconhecimento até à metade do século XX. Para tal, fundamentarei a minha exposição na obra de alguns autores que, segundo pude constatar durante as minhas pesquisas, ocupam um lugar central no estabelecimento da tradição não-ficcional de “the Condition of England” assim como hoje a conhecemos, que é o caso de Daniel Defoe, William Cobbett, Friedrich Engels e Henry Mayhew – sem me esquecer de figuras que, não contribuindo directamente para a vertente literária desta tradição, foram de uma importância fulcral para o seu desenvolvimento, como é o caso de Thomas Carlyle e dos topógrafos da era Tudor, como William Camden.

Esta parte terá um papel fundamental no desenvolvimento metodológico do meu trabalho. Uma vez que a tradição que pretendo analisar ainda não assumiu uma posição canónica que permita individualizá-la como um ramo autónomo de conhecimento e/ou forma de escrita, pretendo aqui desenvolver algumas directrizes de trabalho que posteriormente utilizarei para enquadrar a obra de Orwell no contexto mais específico de “the Condition of England”, indicando para isso quais são as características transversais mais importantes que distinguem essas obras como representantes do seu género.

Na segunda parte, centrar-me-ei na figura de George Orwell, observando e identificando os pontos mais importantes do seu desenvolvimento enquanto autor até chegar no ano de composição de *The Road to Wigan Pier*. Aqui, levarei também em consideração os factores socioeconómicos que ajudaram a moldar a imagem que viria a ser analisada nesta obra de Orwell, complementando a minha análise com relatos históricos e sociais para que seja possível contrastar a aventura de Orwell com a face mais ‘imparcial’ do estado do país naquela época. Em seguida, prosseguirei com uma pequena análise da obra, procurando manter um contraponto entre a construção retórica

empregue no relato da jornada e a relevância pessoal do percurso para o autor – pontos que, conforme indiquei, são essenciais para a compreensão da obra dentro do contexto social em que foi composta. No fim desta parte, pretendo conseguir isolar os aspectos mais relevantes da obra para este trabalho, enfatizando a maneira como esses se conjugam com os pressupostos mais relevantes para a composição de uma obra do género “the Condition of England” conforme estabelecidos na primeira parte.

A última parte terá a função dupla de fornecer uma visão geral sobre a maneira como a tradição não-ficcional de “the Condition of England” se desenvolveu na segunda metade do século XX e proporcionar um enquadramento cronológico para *The Road to Wigan Pier*, possibilitando o estabelecimento de uma ligação entre o estado do país analisado nas obras que abordarei e o estado do país conforme o mesmo se apresenta na actualidade. Para isso, apresentarei a figura de J. B. Priestley, um escritor contemporâneo de Orwell que sempre procurou identificar-se mais com um público mais vasto – ou ‘middlebrow’, se quisermos utilizar uma expressão preferida pelos seus vários críticos. *English Journey*, de 1933, é um livro onde Priestley aborda a vertente mais popular de “the Condition of England”, o que me permitirá levantar questões importantes para o assunto como o grau de ligação ideal entre um autor e o seu público ou a faceta identitária da verdadeira *England* da qual a *Condition* se pretende analisar. Além de Priestley, abordarei sucintamente a obra de alguns autores mais actuais da tradição, como Robert Chesshyre, Bill Bryson, Iain Sinclair e Stuart Maconie, procurando identificar os traços que terei estipulado como importantes para a caracterização de uma obra do género na escrita de cada um – e, naturalmente, os traços orwellianos herdados pelo caminho.

No final, pretendo ter conseguido apresentar a relação entre os dois pólos centrais do meu trabalho – Orwell e a tradição de “the Condition of England” – de uma maneira que possibilite uma apreciação abrangentemente sincrónica e sumariamente diacrónica do segundo e uma análise eficaz do papel que o primeiro, aqui na qualidade de autor de *The Road to Wigan Pier*, desempenha nesta tradição, não só na conformidade que apresenta com determinados requisitos formais que a qualificam, mas também na possibilidade de interpretação de questões importantes por ela sugeridas na sua obra que aqui apresentarei, questões essas que foram levantadas durante os diversos séculos de escrita sobre o país. Assim, ao invés de fornecer uma resposta para a simples questão da ligação entre a obra de Orwell e o conjunto de obras que estudarei, pretendo propor maneiras diferentes de compreender uma questão mais vasta, que é a relação

entre uma obra e o espaço político que preside ao seu desenvolvimento, uma vez que, em “the Condition of England”, o espaço político e geográfico circundante e o espaço literário contextualizante são, no fundo, o mesmo espaço.

Convido-vos então a uma viagem por diversas viagens, a uma jornada por um local de múltiplas visões, interpretações e cenários que foram assumindo progressivamente ao longo dos tempos o mesmo nome: Inglaterra. Conto que tenhamos à nossa disposição alguns dos melhores guias que a literatura inglesa nos pode fornecer, um conjunto qualificado de profissionais que proporá percursos distintos por diferentes modos de ver, permitindo que identifiquemos por nós próprios qual será o destino final. A todos, e a todas, uma boa viagem!

II – “Condition of England”: Origens

Quando em 1839 o historiador e político escocês Thomas Carlyle escreveu, a respeito da discrepância existente na Inglaterra vitoriana entre a situação socioeconómica dos trabalhadores e dos grandes donos de indústrias, “The condition of the great body of people in a country is the condition of the country itself” (5), mal poderia imaginar que a urgência expressa no seu ensaio por um aumento na consciencialização da situação da Inglaterra contemporânea traria em si o embrião que germinaria em um novo subgénero literário: “the Condition of England”.

Assim como diversos subgéneros que surgiram na Inglaterra do séc. XIX, “the Condition of England” (também conhecido como *social novel*, *industrial novel* ou *social problems novel*) foi um produto directo do romance realista. Assim como Carlyle, vários autores da era vitoriana preocupavam-se com a situação social à qual a classe trabalhadora inglesa estava sujeita no momento em que escreviam. A forma literária era, assim, uma maneira de delatar as injustiças resultantes da Revolução Industrial que assolavam sobretudo o norte britânico para um público vasto, pouco conhecedor de questões políticas e formado maioritariamente por habitantes do sul da Inglaterra. De acordo com Andrzej Diniejko, os romances da fase inicial de “the Condition of England” da era vitoriana “tried to be a repository of social conscience, an ability to empathise with unbearable social iniquities and injustices”². Na introdução ao romance *Sybil, or the Two Nations*, uma das primeiras obras que surgiram no contexto desta temática, Benjamin Disraeli dá uma ênfase especial à ligação existente entre a ficção que estaria prestes a narrar e a realidade que poderia ser observada por qualquer um que se aventurasse pelos locais onde as consequências da industrialização se apresentavam de forma mais patente:

The general reader whose attention has not been specially drawn to the subject which these volumes aim to illustrate, the Condition of the People, might suspect that the Writer had been tempted to some exaggeration in the scenes which he has drawn and the impressions which he has wished to convey. He thinks it therefore due to himself to state that he believes there is not a trait in this work for which he has not the authority of his own observation, or the authentic

² Fonte: <http://www.victorianweb.org/genre/diniejko.html>

evidence which has been received by Royal Commissions and Parliamentary Committees.
(viii)

Em *Hard Times*, de 1854, uma das obras mais paradigmáticas do romance industrial, Charles Dickens descreve Coketown, uma cidade ficcional baseada na típica cidade do norte da Inglaterra afectada pela Revolução Industrial³, da seguinte maneira:

It was a town of red brick, or of brick that would have been red if the smoke and ashes had allowed it; but as matters stood it was a town of unnatural red and black like the painted face of a savage, It was a town of machinery and tall chimneys, out of which interminable serpents of smoke trailed themselves for ever and ever, and never got uncoiled. It had a black canal on it, and a river that ran purple with ill-smelling dye, and vast piles of building full of windows where there was a rattling and a trembling all day long, and where the piston of the steam-engine worked monotonously up and down like the head of an elephant in a state of melancholy madness. (19)

A imagética adoptada por Dickens na descrição da sua Coketown é uma expressão fiel da maneira como o norte era visto pelos habitantes das cidades do sul da Inglaterra: uma zona agreste, suja, selvagem, com condições de vida sub-humanas e impassível de abrigar qualquer tipo de civilização (no sentido que veio a ser adoptado pela mundivisão vitoriana). Cobia, portanto, aos escritores do filão realista a tarefa de retratar uma realidade que parecia ter lugar num sítio distante das portas das casas dos narratários principais das obras de “the Condition of England”; de facto, muitos daqueles que possuíam a instrução e as condições económicas necessárias para ter acesso às obras escritas na época consideravam mesmo o Norte um outro país. Os romances do subgénero de “the Condition of England” tinham, por isso, como objectivo final, fazer com que a Inglaterra fosse compreendida em termos de uma identidade comum, para que fosse instaurado nos habitantes das zonas remotas dos centros onde a industrialização se tornara mais presente um sentimento de responsabilização social que pudesse resultar numa eventual acção sociopolítica.

Embora “the Condition of England” seja inegavelmente um resultado da Revolução Industrial, a urgência de retratar as condições adversas presentes no território inglês não o é. Muito antes do séc. XIX, é possível notar no cânone literário inglês a

³ Acredita-se que Dickens se tenha inspirado na cidade de Preston para moldar o cenário da sua obra. Essa crença é baseada em argumentos persuasivos: o actual centro administrativo do condado de Lancashire foi uma “boomtown” da revolução industrial, com uma parte substancial do seu desenvolvimento derivada da indústria têxtil.

presença de obras que buscam retratar a condição vivida na sociedade da época através de uma sempre presente observação empírica, seja por meio de viagens efectuadas por diversas cidades do país pelos próprios escritores ou da observação de documentos oficiais publicados pelas entidades públicas. Pat Rogers acredita que as origens desse tipo de escrita possam ser traçadas desde o séc. XVI, quando os topógrafos da era Tudor buscaram delinear os primeiros contornos literários do passado feudal e militar de uma Inglaterra que, segundo o autor, ainda era “largely medieval in landscape” (18). O antiquário William Camden, nascido em 1551, era um deles. Em *Britain, or, a Chorographicall Description of the most flourishing Kingdomes, England, Scotland, and Ireland*, o primeiro relato do território inglês que segue a divisão por condados que ainda vigora nos dias de hoje, Camden oferece-nos uma declaração honesta das intenções que o levaram a viajar por diversos pontos das ilhas britânicas:

Abraham Ortelius the worthy restorer of Ancient Geographie, arriving heere in England above thirty foure yeares past, dealt earnestly with me that I would illustrate this Ile of Britaine, or (as he said) that I would restore antiquity to Britaine, and Britaine to his antiquity; which was as I understood, that I would renew ancientrie, enlighten obscuritie, cleare doubts, and recall home veritie by way of recovery, which the negligence of writers and credulitie of the common sort had in a manner proscribed and utterly banished from amongst us. A painfull matter, I assure you, and more than difficult, wherein what toyle is to be taken, as no man thinketh, so no man beleeveth but hee that hath made the triall. (Camden, *Britain*⁴)

No segundo capítulo da obra *The Reinvention Of The World*, intitulado “The Geographical Part of Knowledge: Mapping and Naming”, Douglas Chambers traça os antecedentes sociais precisos dessa vertente da escrita de viagem que trata exclusivamente da situação do país. Segundo o autor, a morte do rei Carlos I de Inglaterra em 1649 trouxe uma restauração monárquica que propôs também uma restauração da mundivisão contemporânea. Carlos II, o sucessor do trono, assumiu a coroa numa época em que o sistema caracterizado pelo direito divino defendido pelo seu pai fora substituído por um modelo de sociedade mais secular, onde o parlamento governa com o auxílio de sistemas mais exactos de compreensão do mundo. Dotado de avanços notáveis nos campos da estatística e da medição, esse sistema aboliu a transcendentalidade que caracterizava o regime anterior, e permitiu o desenvolvimento de um método de operação a partir do qual “no longer were maps a matter of fanciful

⁴ Fonte: <http://www.philological.bham.ac.uk/cambrit/>

decoration” (Chambers 22). Essa evolução foi proporcionada pela adopção de uma postura mais mercantilista por parte do país, que teve lugar cerca de um século antes. Enquanto a glória, salienta o autor, era uma componente imprescindível da imagem imperial de outros países, como por exemplo a de Portugal, o império inglês começou desde a segunda metade do século XVI a fazer do mercantilismo a sua característica mais marcante (*ibidem*).

Análoga à distinção entre o reinado autocrático de Carlos I e o pragmatismo mercantilista do seu filho Carlos II, a mudança do método de medição de espaço utilizado até o século XVII também desempenhou um papel fundamental no movimento de escrita do território inglês. Trata-se da mudança do método de medição *corográfico* para o método de medição *geográfico*. Citando William Cunningham, Chambers descreve a corografia como um método que “consisteth rather in describyng the qualitie and figure then [than] the bignes, and quantitie of any thinge” (27), enquanto a sua metodologia sucessora, a geografia, implica uma maneira “Cartesian and deductive” de compreender o território, ocupando-se acima de tudo de “quantity and definition” (*ibidem*). Essa mudança para um paradigma mais científico urgiu a adopção de um método mais objectivo de escrita do mundo, onde apenas a observação do – e as especulações simbólicas sobre o – espaço circundante já não bastavam. Um conhecimento mais preciso traduzia-se num aproveitamento mais comercialmente adequado de um território. É, pois, normal a associação entre o processo geográfico de recolha de dados de um determinado terreno e a objectificação do mesmo⁵ – a descrição de um território resulta na apropriação do local descrito por quem o descreve, proporcionando assim ao narrador a possibilidade de tomar parte na realidade observada e de moldar a sua imagem para os seus fins específicos, sejam eles comerciais ou literários.

É importante salientar que a escrita do território não foi um produto exclusivo do desenvolvimento dos métodos necessários para a realização de processos de medição mais exactos. Conforme relembra-nos Pat Rogers, o movimento de auto-descoberta presente nas obras de viagem que contam o território inglês possui uma analogia precisa na literatura inglesa: os poemas épicos. O épico é, segundo o autor, “the form apt to a

⁵ Essa objectificação começou a ser pensada como consequência directa dos movimentos de colonização, que estavam em seu pleno vigor precisamente nessa época. Citando William Boelhower, Chambers observa que a confiança peremptória numa cultura mais técnica, reflectida pelo mapa do continente Americano concebido por Edward Wright em 1599, permite um conhecimento mais exacto de um determinado território, auxiliando assim o processo de apropriação. Desta forma, é-nos revelada “the map’s double function of opening up and closing a territory” (Chambers 25).

country emerging into a consciousness of its own power and nationhood” (19). Embora os poetas contemporâneos ao surgimento dos primeiros exemplares de escrita de viagem estivessem ocupados com a escrita de poemas épicos que diziam respeito a países distantes (ou mesmo, no caso de “The Faerie Queene” de Edmund Spenser, a mundos distantes) da realidade inglesa da época, é possível notar em escritas anteriores um movimento claro no sentido da auto-descoberta de uma nação que viria a dar origem a “the Condition of England” como hoje a conhecemos, embora impulsionado por motivos naturalmente diferentes dos motivos que levaram os escritores da era vitoriana a escrever os romances industriais. David Hughes, autor das *The British Chronicles*, escreve que as “Brutiads”, um poema épico sobre a dinastia nacional britânica na idade do ferro, escrito presumivelmente na era pré-romana, traça uma cronologia ilustrada da linhagem dos descendentes da coroa desde Brutus, o fundador da dinastia, até o Rei Artur, o presumível comissário da obra, de forma a “give Britain a national epic [and] glorify his ancestors [and/or predecessors], (...) the pre-Roman British Kings” (1: 49). Este trecho evidencia a ligação entre o emergir de uma consciência nacional e a necessidade de elaboração de uma forma sistemática de registo de um aspecto particular da cultura da mesma. Assim como os mapas geográficos que surgiriam séculos mais tarde, os mapas simbólicos traçados nas “Brutiads” são uma peça essencial para a representação de um determinado aspecto que caracteriza a sociedade inglesa como um todo, delimitando através das fronteiras da consciência nacional tudo aquilo que constitui o território cultural da nação.

O aperfeiçoamento das técnicas de configuração urbanística alcançado no séc. XVIII proporcionou não só uma nova forma de construir estradas, como também uma nova maneira de ver o mundo. A viagem deixava gradualmente de ser uma iniciativa longa, dispendiosa e reservada aos estudiosos e pesquisadores, e começava a se tornar cada vez mais acessível ao público geral (Rogers fala mesmo do surgimento de uma ‘tourist industry’ já em 1750 (22)). Isso fez com que mais pessoas pudessem conhecer partes até então remotas do país, de modo a poderem avaliar por si próprias as condições lá encontradas. Essa nova fase veio marcada em “the Condition of England” por obras com propósitos políticos ou comerciais mais latos – obras não necessariamente regidas pelos objectivos mais imediatos para os quais foram comissionadas, objectivos esses que normalmente se restringiam a avaliar os dados

estatísticos de uma determinada região, mas que também pudessem trazer em si o sabor das opiniões e das conclusões retiradas pelo próprio viajante.

Acompanhando desde cedo o surgimento desta tendência, aparece-nos, em 1724, o primeiro volume das cartas que viriam a compor *A Tour through the Whole Island of Great Britain*, de Daniel Defoe. Dada a função de escrever uma obra abrangente sobre o Reino Unido, que abordasse, além do território, a história e as condições sociopolíticas que ajudaram a configurar as ilhas britânicas ao longo dos séculos, poucos escritores poderiam ter um perfil mais adequado para o trabalho. Durante a sua vida, Defoe passou pelas mais diversas ocupações, dentre as quais comerciante, economista, jornalista, panfletário e até mesmo espião, antes de iniciar, já na faixa dos sessenta anos de idade, a sua carreira de escritor. Assim, a informação presente em *A Tour* é mais do que o produto de uma dimensão observável – Defoe escreve com a experiência de um sujeito cuja história de vida confunde-se com uma parte da própria condição do objecto analisado. Essa rica bagagem cultural permite ao autor tecer observações particularmente perspicazes pelos locais por onde passa, mantendo ao mesmo tempo uma objectividade fiel ao seu propósito de criar um verdadeiro ‘travel guide’ – um dos primeiros publicados em Inglaterra.

Como consequência disso, Defoe aborda frequentemente na narrativa as diversas dimensões que entram em jogo na construção da realidade observada. Eis um trecho da descrição inicial da cidade de Londres, propositadamente reservada para a parte final da obra:

It is the disaster of London, as to the beauty of its figure, that it is thus stretched out in buildings, just at the pleasure of every builder, or undertaker of buildings, and as the convenience of the people directs, whether for trade, or otherwise; and this has spread the face of it in a most straggling, confused manner, out of shape, uncompact, and unequal; neither long or broad, round or square; whereas the city of Rome, though a monster for its greatness, yet was, in a manner, round, with very few irregularities in its shape. (286-7)

O paralelo que Defoe faz entre as construções contemporâneas e as construções romanas (que surge novamente no apêndice do segundo volume das cartas, quando, observando o estado das estradas que serviam a cidade de Londres, questiona-se “How much more valuable these new works be, though nothing to compare with those of the Romans, for firmness and duration of their work?” (431)) é mais do que uma mera expressão de revolta. Assim como em diversos pontos da obra, Defoe demonstra aqui

um conhecimento aprofundado e perspicaz do *status quo* geopolítico do seu tempo, o que faz com que o seu *A Tour* seja uma expressão exímia e sagaz do movimento da literatura de condição que na era vitoriana viria a se chamar “Condition of England”.

O prefácio da obra é mais um bom exemplo da actualidade e do frescor da escrita de Defoe:

The fate of things gives a new face to things, produces changes in low life, and innumerable incidents; plants and supplants families, raises and sinks towns, removes manufactures, and trades; great towns decay, and small towns rise; new towns, new places, new seats are built everyday; great rivers and good harbours dry up, and grow useless; again, new ports are opened, brooks are made rivers, small rivers navigable, ports and harbours are made where none were before, and the like. Several towns, which antiquity speaks of as considerable, are now lost and swallowed up by the sea, as Dunwich in Suffolk for one; and others, which antiquity knew nothing of, are now grown considerable. In a word, new matters offers to new observation, and they who write next, may perhaps find as much room for enlarging upon us, as we do upon those that have gone before. (44)

Neste trecho, Defoe demonstra conhecer consecutivamente as oportunidades que foram abertas àqueles que pretendem viajar pelo mundo com os avanços tecnológicos na área de configuração urbanística e a urgência em recuperar a escrita de um país que, assim como uma criança em constante crescimento (46), renova-se diariamente, quer em termos geográficos, demográficos ou históricos. Defoe preocupa-se especialmente com o futuro; talvez ciente da limitação imposta pelos meios de locomoção existentes na época, o escritor tem consciência de que o seu levantamento faz parte da etapa inicial de um processo longo de escrita da nação, que só então começara a ganhar fôlego.

Cerca de um século depois, em 1830, surge-nos *Rural Rides*, uma obra produzida por um escritor com uma experiência de vida quase tão vasta quanto a do próprio Defoe. William Cobbett, filho de um agricultor de Surrey, na Inglaterra, passou durante a sua vida pelas profissões de jornalista, político, agricultor e escritor, além de ter conhecido ambos os lados da lei, primeiro como soldado e posteriormente, devido à sua característica insubmissão ao sistema vigente, como prisioneiro. Mas a escrita de Cobbett é marcada acima de tudo por uma forte ligação com o seu passado rural – nascido numa quinta na pequena comunidade de Farnham, em Surrey, Cobbett vivia uma existência idílica no campo até que, com cerca de vinte anos, foi levado por um impulso a pegar boleia com uma diligência que ia em direcção a Londres, onde iniciou o

seu longo percurso pelos mais variados cargos que compõem o sistema parlamentar inglês. Cobbett nunca conseguiria regressar ao campo; tentara por mais de uma vez comprar ou alugar terrenos no campo para voltar à vida que levava antes de ter se mudado para Londres, mas as suas tentativas foram infrutíferas. O ambiente político da capital da Inglaterra provocava tanto um desgosto amargo quanto um fascínio incorrigível em Cobbett.

A escrita de Cobbett, assim como a sua vida, é marcada por uma forte dualidade, caracterizada acima de tudo pelo lastro empírico das suas ideias e opiniões. Como um ex-agricultor activamente envolvido na vida política da capital, Cobbett escrevia para narratários situados em ambos os extremos do espectro social. No entanto, a atenção de Cobbett era quase exclusivamente devotada à luta contra a corrupção ao lado daqueles que mais sofriam com as novas reformas do regime⁶. As injustiças resultantes das medidas parlamentares foram um motivo recorrente na escrita de Cobbett, seja jornalística ou literária, e a sua desconfiança dos dados disponibilizados pelos órgãos públicos atribuiu à sua produção literária um pragmatismo sem precedentes na literatura inglesa.

As *Rural Rides* são, por isso, uma obra única do seu tempo. Produto de relatos de viagens que Cobbett efectuou montado a cavalo entre 1822 e 1826, a obra foge do paradigma dominante na literatura de condição na medida em que apresenta apenas a condição de uma parte pequena e bastante específica do país: as suas zonas rurais. Diferentemente dos demais autores do seu tempo, Cobbett não se interessava pelas realidades criadas pela Revolução Industrial; o que lhe interessava era ver de que forma os resultados da Revolução Agrícola configuraram os campos semelhantes àqueles onde vivia enquanto criança, e o que era necessário fazer para corrigir os malefícios trazidos pelo novo regime. Assim, a relação que Cobbett mantém com as realidades que observa nas suas viagens é, nos termos de George Woodcock, autor responsável pela introdução à obra, caracterizada por uma verdadeira fidelidade emocional. Segundo o autor, o interesse suscitado por *Rural Rides* é um resultado directo do “counterpoint between the author’s deliberate intention, which makes him seek facts and argue about them, and the sensibility that makes him respond in an unplanned way to the physical and mental stimuli of travel in unfamiliar territory” (Woodcock 10). Assim como George Orwell o

⁶ No caso de *Rural Rides* em particular, as reformas que mais interessavam a Cobbett eram as *Corn Laws*, ou tarifas de importação introduzidas com o *Importation Act* de 1815, e as mudanças que entraram em curso como resultado da Revolução Agrícola, em vigor desde o século XII.

viria a fazer na década de 30 do século XX, Cobbett estabelece um diálogo com os locais por onde passa, deixando que o leitor passe a conhecer tanto do lugar narrado quanto da própria pessoa que os narra. A condição dos locais encontrados durante a viagem torna-se, assim, também uma pequena autobiografia.

Um excelente exemplo da dedicação que Cobbett demonstrou aos assuntos do interesse dos pequenos agricultores e das vítimas das manobras de corrupção do parlamento pode ser encontrado na transcrição efectuada pelo próprio autor de um discurso que fez num *Dinner Meeting* com alguns agricultores locais para o qual fora convidado em Winchester, no dia 29 de Setembro de 1822. Abordando o assunto da divisão desigual das taxas entre as diferentes classes necessitadas em Inglaterra, Cobbett sente que determinadas classes recebem mais do que a sua cota devida.

The other class of persons, to whom I have alluded, as having taxes bestowed on them, are the *poor clergy*. (...) We know well how *rich* that Church is; we know well how many millions it annually receives; we know how opulent are the bishops, how rich they die; how rich, in short, a body it is. And yet *fifteen hundred thousand pounds* have, within the same number of years, been given, out of taxes, partly raised on the labourers, for the *relief* of the *poor clergy* of that Church, (...) while a clamour, enough to make the sky ring, is made about what is given in shape of *relief to the labouring classes!* Why, Gentlemen, what do we want more than this one fact? Does not this one fact sufficiently characterize the system under which we live? Does not this prove that a *change*, a *great change*, is wanted [?] Would it not be more natural to propose to get this money back *from the Church*, than to squeeze so much out of the bones of the labourers? This the Parliament can do if it pleases; and this it will do, *if you do your duty*. (50-1; ênfases do autor)

A retórica aguçada do autor é uma marca clara de que Cobbett é um orador experiente, familiarizado tanto com a sua audiência quanto com as suas posições políticas. As palavras carregam uma entonação enfática que se repetirá durante todo o livro, multiplicando-se nas instâncias em que a realidade confrontada apresenta uma condição particularmente grave da situação contra a qual o autor escreve. Já o pragmatismo patente neste trecho, particularmente na menção constante aos “facts” apresentados como resultado de um levantamento de despesas (provavelmente efectuado pelo próprio Cobbett), é uma presença constante durante todo o texto de *Rural Rides*. Eis mais um exemplo do cepticismo que o autor demonstra em relação aos dados governamentais. Neste caso, uma visita ao vilarejo de Headley faz Cobbett crer que as previsões de aumento populacional são falsas:

Let those, who talk so glibly of the *increase of the population* in England, go over the country from Highclere to Hambledon. Let them look at the size of the churches, and let them observe those *numerous small enclosures* on every side of every village, which had, to a certainty, *each its house* in former times. (...) It is the destructive, the murderous paper-system, that has transferred the fruit of the labour, and the people along with it, from the different parts of the country to the neighbourhood of the all-devouring *Wen* [London]. I do not believe one word of what is said of the *increase of the population*. All *observation* and all *reason* is against the fact; and, as to the *parliamentary returns*, what need we more than this: that *they* assert, that the population of Great Britain has *increased* from *ten* to *fourteen* millions in the last *twenty years*! That is enough! A man that can suck that in will believe, literally believe, that the *moon is made of green cheese*. (81; ênfases do autor)

Ao mencionar e argumentar esses dados estatísticos para complementar o seu relato, o autor atribuir uma forte componente política à sua narrativa. A sua escrita, assim, assume um estatuto tópico, documental, onde o confronto constante entre a realidade apresentada pelos locais observados e os ideais vincados de quem os descreve oferece um relato objectivo e abrangente das ideias que caracterizavam a época.

Contudo, a vertente política da escrita do estado do país ganharia uma dimensão absolutamente inédita com um livro publicado quinze anos após a primeira edição de *Rural Rides*; um relato de todo alinhado com os pressupostos que regeram o surgimento de “the Condition of England”, embora desta feita, pela primeira vez, o autor não fosse britânico, mas sim alguém que escolhera a Inglaterra como país de residência para melhor desenvolver os seus propósitos políticos. Friedrich Engels, co-autor do *Manifesto Comunista*, escreveu *The Condition of the Working Class in England in 1844* quando tinha apenas 24 anos, tomando como ponto de partida a sua experiência como trabalhador de uma empresa no ramo de produtos têxteis em Manchester. A partir da realidade que ele próprio observara e de relatos que obtivera de conhecidos, Engels desejava estabelecer uma ligação entre a regra do capital que ditava a economia pós-revolução industrial e as condições de vida do proletariado, uma classe que surgiu como consequência das divisões resultantes do novo ambiente sociopolítico da Inglaterra.

A obra de Engels é fruto de uma circunstância peculiar. Diferentemente dos demais autores que contribuíram para a solidificação da cultura de escrita do território inglês, Engels não partia de nenhum ponto de observação privilegiado. A experiência que o jovem trabalhador alemão escolhe para compor o seu relato restringe-se

exclusivamente àquilo que observara enquanto trabalhava na fábrica de produtos têxteis da sua família, com nada além de um modesto conhecimento da filosofia hegeliana para lhe servir de orientação na construção da base teórica das suas descobertas. No entanto, *The Condition* está além de uma simples expressão legítima dos pressupostos do gênero – na realidade, em *The Condition* Engels faz mesmo a ligação entre o tipo ‘oficial’ de “the Condition of England” e as obras precursoras da tradição, empregando tanto a componente de viagem utilizada pelos seus predecessores quanto a componente estatística⁷ que serviu como fundamento para os romances industriais dos escritores vitorianos –; a obra de Engels é uma das forças motoras fundamentais que impulsionaram o movimento de escrita, seja literária ou crítica, das condições da Inglaterra pós-revolução industrial. Laurence Marlow, ao comparar *The Condition...* com *Hard Times* de Dickens e *Sybil* de Disraeli, diria mesmo que “the analysis of the crisis offered by Engels takes his work far beyond the diagnoses and palliatives offered by novelists and government officials” (xvi).

A engrenagem de ligação principal entre a obra de Engels e a escrita da condição social da Inglaterra é Thomas Carlyle, o responsável pela cunhagem do termo “Condition of England”. O historiador escocês foi uma inspiração fundamental para a obra de Engels, e as suas ideias permeariam toda a obra do escritor alemão (o termo ‘cash nexus’, apresentado no *Manifesto Comunista*, também é uma criação de Carlyle). Embora, segundo Marlow, as opiniões dos dois autores divergissem em aspectos cruciais, tais como a abordagem pessoal (Engels não apresenta as mesmas “moralising lamentations” que alguns autores reconheceriam no trabalho de Carlyle) e prescritiva (Carlyle tinha uma visão do futuro pontuada por “reveries of authoritarianism”, qualidade ausente nas opiniões de Engels) à questão dos problemas da Revolução Industrial (xvii), a influência de Carlyle ainda é notável em *The Condition of the Working Class in England in 1844*, particularmente da chamada “Condition of England Question”, uma questão levantada pelo escritor escocês nas obras *Chartism*, de 1839, e *Past and Present*, de 1843. Eis um exemplo:

The condition of the working class is the condition of the vast majority of the English people.

The question: what is to become of those destitute millions, who consume today what they

⁷ O trabalho de Engels concentrou-se em grande parte nos dados publicados em inquéritos e relatórios governamentais publicados desde o fim da década de 30 até os meados da década de 40 do século XIX, conhecidos como *Blue Books* devido à capa de cor azul clara na qual vinham encadernados. Os *Blue Books* também foram fontes de inspiração para grandes nomes dos romances industriais, como Charles Dickens e Benjamin Disraeli. (Marlow, xvi)

earned yesterday; who have created the greatness of England by their inventions and their toil; who become with every passing day more conscious of their might, and demand, with daily increasing urgency, their share of the advantages of society? – This, since the Reform Bill, has become the national question. (65)

Embora, conforme nos indica o título da obra, a intenção inicial de Engels fosse traçar um retrato da condição da classe trabalhadora de todo o território inglês, o local onde o filósofo alemão encontrou o estudo de caso mais relevante para os propósitos que desejava salientar na sua obra foi a cidade de Manchester. A ‘Cottonopolis’, como a cidade viria a ficar conhecida devido à forte produção de algodão (*cotton*, em inglês) e materiais têxteis que tinha lugar na zona, apresentava na sua malha urbana uma reprodução perfeita da problemática da ligação entre a regra do capital e as condições de existência do proletariado, além da relação entre o crescimento urbano e o desenvolvimento industrial que viria a ser um dos focos principais da filosofia marxista. Neste trecho, o autor exprime sumariamente as constatações que observou durante o tempo em que trabalhou no condado metropolitano do norte da Inglaterra:

Such are the various working-people’s quarters of Manchester as I had occasion to observe them personally during twenty months. If we briefly formulate the result of our wanderings, we must admit that 350,000 working-people of Manchester and its environs live, almost all of them, in wretched, damp, filthy cottages, that the streets which surround them are usually in the most miserable and filthy condition, (...). In a word, we must confess that in the working-men’s dwellings of Manchester, no cleanliness, no convenience, and consequently no comfortable family life is possible; that in such dwellings only a physically degenerate race, robbed of all humanity, degraded, reduced morally and physically to bestiality, could feel comfortable and at home. (106)

É curioso observar que neste trecho, além de transmitir a confiança particular de um narrador que participou activamente na experiência narrada, o autor também declara, na sua enfática consideração sobre a situação, quem é o narratário pretendido para a sua obra. Ao mencionar a degeneração, a perda de humanidade e a degradação moral provocadas pelo tipo de habitação que se tornara comum como resultado da Revolução Industrial, Engels fala do ponto de vista da própria pequena burguesia contra a qual tanto viria a escrever nas suas obras futuras. Dada a escolha entre se dirigir ao proletariado – as vítimas da situação causada pela Revolução, para quem o seu futuro *Manifesto Comunista* seria especialmente dedicado – e às classes dominantes – os

habitantes do sul vitoriano, que não tinham um contacto directo com a situação e consideravam o norte do país uma terra de bárbaros –, Engels decidiu manter-se fiel à tradição de “the Condition of England”, e explorar a situação como um membro da burguesia que assiste, chocado, ao declínio dos valores morais dos destituídos.

Considerações ideológicas à parte, é provavelmente mais prudente interpretar a escolha de Engels como fruto do *Zeitgeist* cultural da Inglaterra vitoriana do que como uma afirmação política isolada. Afinal, a era vitoriana também ficou conhecida como o berço de movimentos intelectuais que tinham como base de trabalho principal a problemática da relação estabelecida entre o ser humano e o espaço habitado pelo mesmo. Um destes movimentos é o *environmentalism*, ou a crença na importância do ambiente onde as pessoas vivem na configuração de uma série de influências inter-relacionadas, que moldam as oportunidades e as experiências dos seus moradores. Segundo Felix Driver, a noção de espaço urbano (*habitat*) enfatizada pelo *environmentalism* na era vitoriana era pontuada pela correlação entre um conjunto de discursos, dentre os quais o discurso médico, o discurso de higiene, a arquitectura e o direito (276). Esse cruzamento de discursos, que partilhavam como interesse comum a influência do território no indivíduo, seria o ponto de partida para o surgimento das ciências sociais no território inglês.

A principal razão para estudar o meio ambiente era, naturalmente, descobrir como melhorá-lo. Uma das palavras-chave entre os intelectuais do séc. XIX era *ameliorism*, usada para designar um conjunto de estratégias que, na prática, pretendiam-se empregar na sociedade para aprimorar as condições de vida dos cidadãos. Prova disso é o consenso geral mantido na época de que “social science was effective philanthropy” (*ibidem*). O nascimento das sociedades estatísticas nas décadas de 30 e 40 do século XIX em Londres e Manchester foi disso mais um exemplo. De acordo com Driver, essas sociedades, que tinham como objectivo primário “to provide information about a rapidly changing society”, foram inicialmente concebidas “to guide social policy and social action; stimulate the improvement of industrial society” (277). É evidente que a necessidade de colecta de dados demográficos, médicos, fiscais ou políticos não originou no século XIX, mas foi só após o surgimento das ciências sociais que as estatísticas começaram a ser cientificamente relevantes.

Essa ansiedade com a dimensão da influência dos problemas sociais na formação da malha urbana e na constituição física e moral⁸ dos seus habitantes abriria, por fim, o caminho para o surgimento de um novo ramo de estudos científicos: a sociologia. Embora a sociologia como ciência global seja um produto dos estudos dos filósofos franceses Emmanuel-Joseph Sieyès e Auguste Comte (ainda que as raízes do pensamento sociológico possam ser encontradas nas análises dos filósofos da Grécia antiga, particularmente Platão), a sociologia inglesa deve muito do seu desenvolvimento à obra de um único escritor, que também contribuiu de forma ímpar para a tradição de “the Condition of England” no geral. Henry Mayhew, um jornalista londrino nascido em 1812, desenvolveu não apenas uma nova forma de analisar dados estatísticos, como também uma nova maneira de compreender o estado do país onde nascera e para o qual dedicara toda a sua obra literária.

Em Setembro de 1849, Mayhew, então jornalista do periódico *Morning Chronicle*, recebeu uma comissão para escrever um artigo sobre Jacob’s Island, a área de Londres mais afectada pela epidemia de cólera que assolava o território inglês em meados do séc. XIX, além de ser um dos ‘bairros de lata’ mais emblemáticos da capital. Devido ao grande sucesso desfrutado pelo artigo publicado no *Chronicle*, foi sugerido em resposta que Mayhew transformasse aquela pequena reportagem em artigos regulares sobre os habitantes mais desfavorecidos da Inglaterra. Assim nasceu “Labour and the Poor”, uma série de relatos que, segundo o próprio jornal, era uma “full and detailed description of the moral, intellectual, material and physical condition of the industrial poor throughout England” (qtd. in Himmelfarb 309). Em 1862, Mayhew publicou uma edição com quatro volumes de textos que tratavam de diversas maneiras da condição das classes mais desfavorecidas da Inglaterra, entre os quais encontravam-se os textos que o autor escrevera para o *Chronicle* e textos escritos posteriormente, a título individual. Ao colectivo de textos, seria dado o nome de *London Labour and the London Poor*, designação segundo a qual a obra é conhecida até hoje.

London Labour and the London Poor está longe de ser um trabalho sociológico nos termos com que hoje estamos familiarizados. Um Mayhew fascinado com estatísticas apresenta-nos interpretações mais ou menos aleatórias e/ou inexactas de

⁸ Moral, segundo Driver, era um conceito indissociável da noção de social. Isso explica o papel fundamental que as virtudes morais desempenhavam nos estudos científicos da era vitoriana. A obsessão chegava ao extremo de serem desenvolvidas teorias sobre *miasmas morais*, que eram campos onde se acreditava que a contaminação das perturbações e dos comportamentos anti-sociais tornava impossível a habitação, e serem colectadas *estatísticas morais*, uma prática comum na Grã-Bretanha e na França do séc. XIX (Driver 279).

quantias volumosas de dados, com resultados imprecisos e inconsistentes. Isto fazia naturalmente com que o leitor comum se afastasse, e transmitia uma imagem inexacta do assunto tratado pelo texto, especialmente quando os resultados dos censos de 1851 apresentaram classes inteiras de população que Mayhew não incluía nos relatos e números absurdamente discrepantes sobre aquelas incluídas (Himmelfarb 311). Ademais, as imagens densamente emocionais que Mayhew apresentava no seu retrato das classes baixas tinham o efeito de atribuir uma qualidade mais subjectiva à situação, afastando os leitores mais preocupados com a precisão factual dos relatos. No entanto, segundo Gertrude Himmelfarb, a euforia da escrita de Mayhew nada mais era do que uma expressão autêntica dos motivos que levaram o autor a produzir um texto dessa natureza. “He could hardly have helped adding such colour”, diz a autora. “He was, after all, a skilful professional writer trying to reach the largest popular audience. Each article or pamphlet had to make its point and create its effect quickly and dramatically. However scrupulous he may have been in handling his material, (...) he could not have helped but make the most of it.” (316)

Paradoxalmente, a extravagância dos dados e o arrojo dos relatos valeram a *London Labour and the London Poor* uma qualidade ficcional que fez com que a obra fosse ainda mais criticamente aclamada. A maneira adoptada por Mayhew para tratar do assunto e formular a imagem do *Poor*, o objecto central do seu estudo, cria a ilusão de que o relato trata de um país distante e até então não descoberto pelos narratários pretendidos para a obra (presumivelmente, mais uma vez, os habitantes da região sul da Inglaterra), onde as leis normais de comportamento e moral não se aplicavam. Thackeray, colega de Mayhew no periódico *Punch*, deixa transparecer exactamente isso no seu tributo à obra:

What a confession it is that we have almost all of us been obliged to make! A clever and earnest-minded writer gets a commission from the *Morning Chronicle* newspaper, and reports upon the state of our poor in London; he goes amongst labouring people and poor of all kinds – and brings back what? A Picture of human life so wonderful, so awful, so piteous and pathetic, so exciting and terrible, that readers of romances own they never read anything like to it; and that the grieves, struggles, strange adventures here depicted exceed anything that any of us could imagine. Yes; and these wonders and terrors have been lying by your door and mine ever since we had a door of our own. We had but to go a hundred yards off and see for ourselves, but we never did (...). We are of the upper classes; we have had hitherto no community with the poor. We never speak a word to the servant who waits on us for twenty years (...) Some

clear-sighted, energetic young man like the writer of the *Chronicle* travels into the poor man's country for us, and comes back with his tale of terror and wonder. (qtd. in Himmelfarb 316-7)

Utilizando técnicas do romance realista, como a construção de cenas e personagens, Mayhew conseguiu criar uma breve *suspension of disbelieve*, que cumpria a função dupla de tornar a leitura mais agradável e acessível a todos aqueles que estavam habituados a ler os então conhecidos romances industriais e caracterizar a condição que estava efectivamente a ser vivida na região norte da Inglaterra como algo extraordinário, que pertence ao limiar entre o real e o irreal, algo verdadeiramente mais estranho do que a ficção. Porém, o tom por vezes fantástico que Mayhew atribui à sua obra não invalida os méritos do seu estudo – um relato transdiscursivo único do seu género, com opiniões que compartilham do lastro empírico dos escritores anteriores e que introduzem uma componente analítica que seria fundamental para o desenvolvimento das ciências sociais inglesas.

Prova disso são as considerações, até então inéditas, que Mayhew tece sobre a classe dos habitantes de rua, ou *street-folks*. Ao analisar as condições de vida dessa classe, o autor faz uso de diversos discursos, questionando aqueles que considerava inadequados para uma apreciação mais exacta da situação. Mayhew enfatiza, por exemplo, a existência de uma distinção fundamental na humanidade entre duas raças profundamente marcadas, os nómadas e os civilizados, cada uma das quais com as suas “peculiar and distinctive physical as well as moral characteristics” (I: 3)⁹. A classe dos civilizados, prossegue o autor, conseguiu estabelecer as sociedades como hoje as conhecemos, enquanto os nómadas, embora vivessem caracteristicamente isolados das civilizações, mantinham uma existência mais ou menos interligada com a evolução das cidades. Eis a sua conclusão:

It is curious that no-one has as yet applied the above facts to the explanation of certain anomalies in the present state of society among ourselves. That we, like the Kafirs, Fellahs, and Fins, are surrounded by wandering hordes – the ‘Sonquas’ and the ‘Fingoes’ of this country – paupers, beggars and outcasts, possessing nothing but what they acquire by depredation from the industrious, provident, and civilized portion of the community; - that the heads of these nomads are remarkable for the greater development of the jaws and cheekbones rather than

⁹ Uma vez que diferentes edições apresentam selecções diferentes dos textos da edição original, à qual não tive acesso, utilizarei para este levantamento duas edições distintas da obra, a edição da Wordsworth Editors de 2008 e a edição da Penguin Books de 1985. Essas edições serão identificadas como I e II, respectivamente.

those of the head; – and that they have a secret language of their own – an English ‘*cuze-cat*’ or ‘slang’ as it is called – for the concealment of their designs: these are points of coincidence so striking that, when placed before the mind, make us marvel that the analogy should have remained thus long unnoticed. (I: 5)

Essa afirmação apresenta um sinal claro de que, nos seus estudos, Mayhew explorava terras estranhas. Embora o estudo de Mayhew parta de uma sólida base teórica que hoje designaríamos por etnológica, a conclusão demonstra que os ainda rudimentares instrumentos de tratamento de dados sociais da Inglaterra vitoriana não tinham evoluído ao ponto de tratar de assuntos complexos de forma satisfatória. Faltava a transdiscursividade e o conhecimento de campo necessários para obter resultados pertinentes, que pudessem resultar numa melhoria efectiva na condição de vida dos desfavorecidos.

Esse sentimento patente de transgressão de um *modus operandi* antiquado e impreciso é ainda mais forte na introdução ao quarto volume da obra, intitulado “Those That Will Not Work”. Aqui, Mayhew acredita que para conseguir abordar correctamente o objecto do seu estudo – os “wretched social outcasts” (II: 447) – é antes necessário quebrar com algumas convenções fortemente mantidas na sociedade:

I enter upon this part of my subject with a deep sense of the misery, the vice, the ignorance and the want that encompass us on every side. I enter upon it after much grave attention to the subject, observing closely, reflecting patiently, and generalizing cautiously upon the phenomena and causes of the vice and crime of this city. I enter upon it after a thoughtful study of the “outcast” class generally. I enter upon it, moreover, not only as forming an integral and most important part of the task I have imposed upon myself, but from a wish to divest the public mind of certain “idols” of the platform and conventicler (...) that appear to me greatly to obstruct a proper understanding of the subject. (II: 447)

Antes que a causa da situação seja analisada, Mayhew acredita que, acima de tudo, seja necessário reconciliar os *idols*, ou ideias pré-concebidas, que constituem a moral da classe média, com a ética que rege os diversos aspectos socioculturais que compõem o meio de vida dos menos favorecidos. De acordo com Richard Maxwell, esse é um esforço particularmente notável. “Not only are his sympathies at a distance from those of Society”, diz o autor, “he is [also] able to recognize alternative ways of life. Broadly speaking, his attitude is cosmopolitan, even though the cosmopolitanism exists side-by-side with a bias towards ‘respectability’” (Maxwell 99). Embora *London*

Labour and the London Poor não apresente uma solução imediata para os problemas que assolavam os desfavorecidos, a análise de Mayhew presente na obra apresenta a literatura sobre o estado do país no seu melhor, expondo em pormenor a situação geral dos desfavorecidos de Londres e jogando em constante contraponto com o observável e o interpretável, a realidade e os seus atenuantes, o real e o inacreditável.

Ainda que as obras que compoñham a tradição de escrita do território inglês possam ser qualificadas na sua maioria como um fruto inegável do seu tempo, é possível observar algumas qualidades transversais a todas elas, sejam elas de natureza metodológica ou de natureza teórica. A *transgressividade* patente nas escritas sobre o estado da Inglaterra ao longo dos tempos é definitivamente uma delas. Desde as obras dos topógrafos da era Tudor, tornou-se evidente que, para que fosse possível obter um conhecimento aprofundado e satisfatório do território inglês, o emprego dos métodos tradicionais (considerando, evidentemente, os diferentes conceitos a que o termo ‘tradicional’ pudesse se referir ao longo das diversas épocas em que as obras da tradição foram escritas) de análise não era suficiente. Da “negligence of writers and credulitie of the common sort” que caracterizavam o movimento intelectual da época de William Camden aos *idols* que compunham o preconceito que Mayhew tentava combater na sua *London Labour and the London Poor*, os autores que se empenhavam em escrever obras que apresentavam a condição da Inglaterra enfrentavam sempre alguma mundivisão adversa mais ou menos prevalecente. Isso exigia invariavelmente uma subversão dos métodos e dos discursos comumente aceites, e a estruturação de uma maneira de narrar inovadora, criada a partir do emprego de ferramentas novas de análise do estatístico e de maneiras inéditas de compreender a realidade. Somente a partir da fusão de diferentes discursos era possível criar um discurso novo e transgressivo, que pudesse retratar a nova condição a que o país estava sujeito mantendo-se ao mesmo tempo fiel à mesma – um produto consecutivamente íntimo e externo ao colectivo social. Um bom exemplo desse diálogo é a interpenetração do discurso literário nos factos relatados em *London Labour and the London Poor*. Aqui, Mayhew demonstra-nos que a tradição deve passar por um processo de reelaboração sempre que o estado do país assim o exige, fundindo discursos e métodos e criando uma nova linguagem, tão actual quanto o próprio estado da sociedade.

Além da transgressividade, uma outra característica que atravessa todas essas narrativas é o *empirismo*. Conforme foi demonstrado através das análises efectuadas

neste capítulo, os autores particulares a essa tradição compreenderam que, para que fosse possível tecer um comentário preciso da condição da Inglaterra, seria antes necessário obter uma experiência directa com o objecto em estudo, seja através da observação pessoal (viagens) ou da análise de dados estatísticos (estudo das recolhas públicas de dados, ou *Blue Books*). Embora o empirismo seja um traço que caracterize grande parte das obras da tradição “the Condition of England”, esse modo de operação não é exclusivo à tradição em análise. De facto, é possível argumentar que essa maneira mais pragmática de ver o mundo seja uma característica intrínseca da própria mundivisão inglesa. Kate Fox, uma antropóloga que dedicou a sua carreira a uma recolha abrangente dos diversos comportamentos que caracterizam a *Englishness*, conclui que o empirismo é uma qualidade omnipresente na identidade inglesa. “Empiricism”, argumenta, “is shorthand for our down-to-earthiness; our matter-of-factness; our pragmatism; our cynical, no-nonsense groundedness; our gritty realism; our distaste for artifice and pretension” (Fox 405).

No entanto, a característica definidora das obras de escrita do território inglês será seguramente a forma como todas elas transmitem, em maior ou menor escala, um sentido de *identidade nacional*. Embora a Inglaterra tenha sofrido várias mutações ao longo dos tempos, seja no paradigma político, social ou científico, as obras que escrevem a condição do seu território apresentam um movimento sempre presente no sentido da união, despertando em todos os ingleses o sentimento de responsabilização social imprescindível para o desenvolvimento de cada era. Para cumprir o seu dever, esta união tem pela frente o objectivo de superar até mesmo as fronteiras mais enraizadas no pensamento colectivo, como a divisão geográfica norte/sul, a divisão social rico/pobre e o perene sistema de classes inglês.

Apenas uma análise aprofundada de todas as ‘identidades’ da Inglaterra dar-nos-ia um quadro completo de todos os movimentos que marcaram, geográfica ou socialmente, o território inglês ao longo dos tempos – o verdadeiro estado do país. Cabe, pois, a quem deseja estudar “the Condition of England” uma análise compreensiva dos diversos *snapshots* a que tivemos acesso ao longo dos tempos, frutos de recolhas exaustivas e laboriosas; uma tarefa em constante mutação, assim como o país a quem todos os escritores abordados neste capítulo dedicaram uma parte tão prolífera da sua carreira literária.

III – Rumo a *Wigan Pier*

Embora não o tenha reconhecido na altura, a ideia de comissionar George Orwell, um proeminente escritor da primeira metade do século XX, a escrever um livro sobre a situação socioeconómica do norte da Inglaterra foi um dos gestos mais importantes da carreira de Victor Gollancz. Afinal, o primeiro trabalho que Eric Arthur Blair assinou com o seu famoso pseudónimo, um relato notável sobre a vida dos maltrapilhos de Londres e Paris intitulado *Down and Out in Paris and London*, deixava antever uma carreira brilhante na literatura centrada na crítica social. Da comissão de Gollancz, porém, o resultado foi mais do que o relato perspicaz da situação dos mais desfavorecidos habitantes das zonas do norte da Inglaterra. Para sua surpresa, Gollancz recebeu em suas mãos uma crítica altamente provocatória da própria classe média que representava o público-alvo da sua editora, um relato perigosamente perspicaz e inevitavelmente polémico. Relutantemente, e não sem antes ser estipulada a inserção de um prefácio redigido pelo próprio editor, é publicado em 1937 *The Road to Wigan Pier*, trazendo consigo um marco inigualável na escrita sobre o estado do território inglês.

O percurso realizado por Orwell entre 31 de Janeiro e 25 de Março de 1936 para o cais de Wigan que daria origem a *The Road to Wigan Pier* não incide necessariamente sobre a vida em Wigan, e nem sequer sobre o cais do pequeno município do distrito de Manchester. Na verdade, o cais de Wigan a que o texto se refere já não se encontrava em funcionamento na altura em que Orwell efectuou a sua viagem - teria sido reconstruído como um museu mais tarde pelos órgãos públicos (dando eventualmente lugar a um espaço recreativo que compreendia um pub e uma pizzaria, conforme pude constatar na viagem que deu origem à Introdução deste trabalho) de Wigan para desenvolver a indústria turística da região. O cais de Wigan foi um local simbólico escolhido para caracterizar as regiões do norte da Inglaterra nos anos 30, que foram fortemente condicionadas pelo paradigma socioeconómico da época. Wigan Pier, assim como as fábricas de produtos têxteis de Preston ou as metalúrgicas de Sheffield ou Newcastle, é um dos protagonistas de uma era negra na história da Inglaterra, onde o desemprego atingira níveis nunca antes constatados e a pobreza assumira um estatuto patente no lar da grande maioria dos trabalhadores da região norte do país.

A “devil’s decade”, conforme Asa Briggs caracteriza o período dominado pelo desemprego e pelas “Hunger Marches” e que teve o seu fim marcado pelo desastre da Segunda Grande Guerra (321), foi de facto uma era perturbada. Conforme nos indica John Stevenson em *British Society 1914-45*, um estudo realizado em 1935-6 demonstrou que 6,8% da população de York da década de 30 vivia naquilo que o sociólogo Seebohm Rowntree classificou como pobreza “primária”, com rendimentos insuficientes para atender aos padrões mínimos de subsistência, enquanto 18% da população da zona, que representava um terço da classe trabalhadora, vivia em situação de pobreza (134). Ademais, o número de desempregados no Reino Unido entre 1931 e 1935 nunca esteve abaixo dos dois milhões, atingindo um marco histórico no inverno de 1932-3 quando três milhões de pessoas, um quarto da população trabalhadora das ilhas britânicas, não tinham emprego (266).

São várias as causas que contribuíram para o crescimento do desemprego na década de 30, desde a incapacidade física daqueles que lutaram na Primeira Grande Guerra para a execução de determinadas tarefas manuais¹⁰ até ao surgimento do trabalho sazonal com o desenvolvimento da indústria do turismo nas zonas costeiras, que substituíam os trabalhos a *full-time* por empregos fornecidos durante um período relativamente curto de tempo. No entanto, um dos principais suspeitos para o drástico aumento no número de desempregados foi o ciclo de instabilidade no mercado mundial que surgiu como consequência da Primeira Guerra Mundial e teve o seu ápice na queda da Bolsa de Valores do final da década de 20. Segundo Stevenson,

As the ripples of [1929’s Wall Street Crash] financial disaster washed across Europe, the financial and political crisis of 1931 plunged Britain into a deeper slump than ever before. As the level of the world trade fell sharply, hundreds of thousands were thrown out of work in Britain. (268)

O valor gasto como consequência da guerra terá certamente dificultado uma eventual recuperação económica quando a situação mundial já se mostrava tão pouco favorável para tal. Estima-se que tenham sido gastos cerca de £11.325 milhões durante a guerra, incluindo os empréstimos feitos a aliados que, no caso da Rússia, nunca viriam a

¹⁰ De acordo com alguns relatos, a predominância de ex-militares feridos em batalha em empregos precários tornou-se uma das tristes realidades da sociedade inglesa dos anos entre guerras. Juliet Gardiner afirma que “the sight of a blind or maimed ex-serviceman trying to scrape a living by selling matches or bootlaces in the street, or simply by begging, was commonplace throughout the 1920s and 1930s” (13).

ser pagos. De acordo com Juliet Gardiner, autora de *The Thirties: An Intimate History*, a dívida nacional, que ficou na casa dos £620 milhões em 1914, subiu para £8 mil milhões em 1924, sendo que a maior parte deste dinheiro era devida aos EUA. “This led to a vicious spiral”, conta-nos a autora; “something approaching half the country’s annual expenditure of £800 million went on servicing this debt, meaning that of the revenue raised by income tax, [...] a quarter went towards debt repayment” (15).

Contudo, a situação verificada no comércio mundial esconde uma realidade muito mais perene – um problema estrutural, que não foi um resultado directo da instabilidade no comércio mundial após o período de guerra, mas sim do condicionalismo impiedoso do tempo. A indústria pesada, que sustentara durante anos a soberania económica da região norte da Inglaterra em grande parte do mundo, encontrava-se num declínio imparável no início do século XX. Os avanços tecnológicos da primeira década do século ditaram a substituição de determinadas práticas, como o uso do carvão e os longos processos de metalurgia e trabalho têxtil que caracterizavam os meios ingleses de produção, por manufacturas mais adequadas à crescente demanda mundial. Esses processos contavam normalmente com tecnologias mais acessíveis, que diminuía significativamente o custo do produto final e agilizavam os processos de produção. Em *The Thirties*, Gardiner dedica um capítulo inteiro à identificação dos principais problemas que surgiram com a perda do mercado de ‘old staples’ – designação utilizada para classificar os bens produzidos de acordo com as técnicas de fabrico que surgiram na época da Revolução Industrial, como o aço, o metal, o carvão, os componentes náuticos e os produtos têxteis – na Inglaterra pós-guerra, intitulado “Goodbye to all that”. De acordo com a autora, o desenvolvimento de novos mercados de produção, baseados em tecnologias mais recentes como a utilização de componentes químicos nos meios de produção, o auxílio de produtos eléctricos e o emprego de técnicas superiores de engenharia, fez com que países como os EUA e a Alemanha tomassem a posição da Inglaterra como ‘oficina do mundo’. As condições de mercado tornaram-se assim insustentáveis para os meios de produção ingleses, que contavam com uma estratégia de mercado que já não se aplicava à ordem mundial que vinha surgindo mesmo antes da Primeira Guerra Mundial.

The appeal of overseas investment, and a dependence on the Empire as the market for British goods, had led to a neglect of the domestic market and the opportunities offered by these new

industries. By 1913 Britain's economy growth was little more than half what it had been in 1900, and its share of world trade had dropped from a third in 1870 to a seventh by 1914. (16).

O *boom* industrial gerado pela produção em época de guerra foi um consolo momentâneo para os industrialistas britânicos, que puderam mais uma vez alimentar os meios de produção do país com o fruto do funcionamento a todo vapor das suas máquinas. Regiões como aquelas ligadas à produção têxtil e metalúrgica, como o norte da Inglaterra e a Escócia, foram particularmente beneficiadas pelo estímulo de produção que surgiu como consequência da crescente demanda bélica. Após o fim dos combates, as esperanças continuavam altas com o surgimento de um “post-war boom fuelled by rising prices and the speculative investments of wartime profits”, que “lulled people into thinking that the normal rhythms of trade and production would soon be reasserted, and Britain would regain her pre-war markets” (Gardiner 16). Contudo, o *boom* teria uma curta duração. Em 1921, o aumento das taxas de juros e a queda dos preços praticados no mercado mundial atingiram em cheio o número de exportações, que por sua vez se repercutiu na produção. Em 1922, mais de dois milhões de cidadãos britânicos estavam desempregados, e as exportações de indústrias como a indústria têxtil não voltariam nunca mais a alcançar os valores que apresentavam antes da guerra. A consequência foi um declínio insustentável na economia inglesa no geral, ilustrado pelas exigências financeiras que forçaram a saída da libra esterlina do *Gold Standard* – um padrão que estipulava a produção de notas de 1 libra que poderiam ser trocadas directamente por ouro.

Foi esse cenário desolado que George Orwell terá encontrado em 1936, ano em que partiu para a sua análise das consequências do declínio da economia britânica no norte do país. Orwell, nascido Eric Arthur Blair em 1903 em Motihari, na região norte de uma Índia ocupada pelas tropas imperiais inglesas, aprendeu desde cedo a colocar em perspectiva a situação social circundante, e a utilizar a posição de *outsider* a seu favor primeiro na condição de observador e, mais tarde, no papel de escritor político – carreira que o terá consagrado como uma das personalidades literárias mais influentes do séc. XX.

O desenvolvimento da persona do *outsider* que viria a caracterizar a escrita de George Orwell terá tido início ainda no próprio ambiente doméstico onde Richard Walmesley Blair e Ida Mabel Limouzin criaram os seus três filhos. “I was the middle

child of three”, confessa Orwell no ensaio autobiográfico “Why I Write”, “but there was a gap of five years on either side, and I barely saw my father before I was eight. For this and other reasons I was somewhat lonely, and I soon developed disagreeable mannerisms which made me unpopular throughout my schooldays” (1). A experiência escolar de Orwell, por sua vez, terá evidenciado uma diferença ainda mais pronunciada entre o jovem Eric e o seu ambiente circundante. Orwell era um membro da “lower-upper-middle class” - como o próprio tinha por hábito qualificar a classe social que partilhava com as famílias que viviam economicamente em declínio mas que se esforçavam para manter as aparências de uma família de classe média, como oficiais da guarda imperial indiana, párocos, etc. – enquanto os seus colegas em Eton, uma das escolas mais prestigiadas da Inglaterra de então, pertenciam a estratos sociais claramente superiores. Essa diferença marcada que existia entre aqueles que, como Orwell, estudavam em Eton com o auxílio de bolsas de estudo e aqueles que tinham os meios necessários para pagar as propinas é invocada pelo autor na segunda parte de *The Road to Wigan Pier*, onde Orwell nos apresenta um pequeno ensaio autobiográfico que permite ao leitor identificar quais foram os motivos que o levaram a abordar o tema da pobreza no norte da Inglaterra através da questão da classe¹¹.

On the one hand [my position among boys who were much richer than myself] made me cling tighter than ever to my gentility; on the other hand it filled me with resentment against the boys whose parents were richer than mine and who took care to let me know it. I despised anyone who was not describable as a ‘gentleman’, but also I hated the hoggishly rich, especially those who had grown rich too recently. (Orwell *The Road* 128)

Se levarmos em conta a importância que Orwell atribuía ao contexto circundante na formação de um escritor (“if [a writer] escapes from his early influences altogether, he will have killed his impulse to write”, conclui o autor em “Why I Write” (4)), torna-se claro que essas primeiras experiências foram cruciais para o desenvolvimento do desapego que seria patente na elaboração da aclamada análise crítica da sociedade que permeia a sua obra. Contudo, John Rossi e John Rodden, autores do ensaio “A Political Writer”, acreditam que existia uma outra força em movimento na formação do jovem escritor. De acordo com os autores, o sentimento de impertença que caracterizou o

¹¹ Um relato mais aprofundado sobre esse ensaio autobiográfico, assim como uma análise da sua importância na economia geral da obra e dos motivos que levaram Orwell a compô-lo, serão evidentemente apresentados no momento pertinente, quando a obra for tratada com a devida atenção.

ambiente familiar e os anos escolares de George Orwell deram origem a uma rebeldia contra qualquer forma de autoritarismo – ou “a revolt of youth against age” (Orwell 129), como o próprio a caracterizaria em *The Road to Wigan Pier* – que tomava forma, por exemplo, no autêntico desprezo que sentia pelos *nouveaux riches* que compunham o seu grupo de colegas em Eton (Rossi and Rodden 2). Pontuada pelo socialismo que estava em voga entre os estudantes nos anos 20 em Inglaterra, e pelo qual Orwell já demonstrava particular – ainda que vago – interesse, essa rebeldia deu origem às primeiras opiniões políticas do autor, que Rossi e Rodden classificam como uma “facile form of egalitarianism” (*ibidem*).

É necessário ressaltar que o próprio Orwell via com uma certa cautela a atribuição do rótulo socialista às suas primeiras opiniões políticas, e isso deve-se essencialmente a dois factores. O primeiro está relacionado com um movimento presente na sociedade que se relacionava com todos aqueles que faziam parte da geração de Orwell de uma forma muito mais directa do que a política. Esse movimento é, como diria o próprio escritor, “a curious cult of hatred of ‘old men’” (129). O facto de a guerra ter sido criada e alimentada através de medidas criadas por uma classe dirigente composta quase exclusivamente por pessoas que já não tinham idade para lutar, aliado a um aparente distanciamento por parte dessa classe dos sacrifícios sofridos pelos mais jovens na frente de batalha, gerou um descontentamento geral no grupo mais jovem da população. O resultado foi, segundo Orwell, uma profusão de “half-baked antinomian opinions” (*ibidem*) como o pacifismo, humanitarismos, ateísmo e feminismo. Assim, é possível interpretar a própria predilecção pelo socialismo do jovem Orwell como uma opinião antinómica que tinha como objectivo principal subverter o *status quo* desfavorável de que a classe trabalhadora inglesa usufruía como consequência da austeridade económica do pós-guerra¹², embora seja prudente admitir¹² que essa predilecção tivesse menos que ver com a classe trabalhadora em si do que com o ódio por aqueles que então se acreditava serem os verdadeiros culpados pela condição em que os seus membros viviam – ‘the old men’.

¹² Além do descontentamento gerado pelo desemprego e pelo clima económico desfavorável no geral, acreditava-se, sobretudo na classe média, que os ex-soldados da classe trabalhadora voltavam da guerra com uma apetência especial para a violência, o que contribuiu para uma certa demonização dessa classe. O próprio Orwell demonstra partilhar algo desse preconceito quando diz que “[the workers] had been at war and were coming home with the soldier’s attitude to life, which is fundamentally (...) a lawless attitude” (131). Essa inquietude geral foi exacerbada pelas grandes greves dos mineiros que marcaram a década de 1920.

É, pois, evidente que, embora fosse suficiente para contradizer a opinião dominante, essa simpatia não tinha como fundamento quer um conhecimento profundo das políticas socialistas quer um conhecimento abrangente da classe trabalhadora. “ (...) I had not much grasp of what Socialism meant, and no notion that the working class were human beings”, confessa Orwell; “At a distance, and through the medium of books (...) I could agonize over their sufferings, but I still hated them and despised them when I came anywhere near them” (131). Logo, mesmo se considerando um socialista, Orwell enfatiza que não basta se afirmar como socialista para saber exactamente o que este rótulo implica – é antes necessário um conhecimento íntimo daqueles que são directamente afectados pelas medidas propostas por esse sistema político, que são os membros da classe trabalhadora. Uma vez que essas considerações autobiográficas fazem parte da estratégia que visa enfrentar de frente o preconceito de classes que compõe a temática central de *The Road to Wigan Pier*, faz sentido considerar que Orwell, ao desqualificar as suas primeiras opiniões socialistas, estivesse desqualificando também qualquer afirmação de pertença a esse âmbito político que tenha como base um conhecimento distante e superficial da classe trabalhadora.

O amadurecimento dos ideais políticos de Orwell dar-se-ia em 1922, quando o escritor, num acto de transgressão contra o percurso normalmente seguido pelos alunos formados em Eton de continuar os estudos em Oxford ou Cambridge, partiu para servir na guarda imperial inglesa na Birmânia, região no sudoeste asiático incorporada pela Índia britânica, onde permaneceu até 1927. Lá, a rebeldia inocente contra o autoritarismo que caracterizava a sua visão política na época escolar encontrou uma dura atmosfera anti-imperialista, o que fez com que o igualitarismo dos seus primeiros anos abrisse caminho “to a hatred of the British Empire and all it represented” (Rossi and Rodden 2). O seu papel de polícia imperial, que permitiu que Orwell, nas palavras do mesmo, se tornasse parte “of the actual machinery of despotism” (136), fez com que o escritor repensasse as injustiças inerentes não só à máquina imperial, mas também aos sistemas governamentais que regulavam as políticas da própria sede do império. Para o escritor, tudo passou a reduzir-se à teoria de que o oprimido estava sempre certo e o opressor sempre errado. Quando voltou para casa, Orwell, que sentia então todo o peso do sistema imperial em suas costas, foi dominado por uma necessidade urgente de expiar as culpas de cinco anos de trabalho na Índia, um trabalho que lhe tinha sido extremamente penoso.

I felt that I had got to escape not merely from imperialism but from every form of man's dominion over man. I wanted to submerge myself, to get right down among the oppressed, to be one of them and on their side against their tyrants. And, chiefly, because I had had to think everything out in solitude, I had carried my hatred of oppression to extraordinary lengths. (138)

E foi então que, munido de uma nova capacidade de perspectiva, Orwell voltou as suas atenções para o desemprego – situação que começava a receber uma atenção cada vez maior nos meios de comunicação e em todos os estratos da sociedade inglesa na época em que o escritor voltou da Birmânia.

It was the first time that I had ever been really aware of the working class, and to begin with it was only because they supplied an analogy. They were the symbolic victims of injustice, playing the same part in England as the Burmese played in Burma. (...) I now realised that there was no need to go as far as Burma to find tyranny and exploitation. (138-9)

As circunstâncias eram ideais: Orwell passaria alguns dias no meio dos destituídos que compunham a classe dos desempregados em Inglaterra, conheceria a vida de privação a que eles estavam sujeitos e analisaria a situação através do ponto de vista dos oprimidos do seu próprio país; assim, poderia expiar algumas das culpas que sentia por ter feito parte do sistema imperial, e aprofundar o então escasso conhecimento que possuía sobre as “symbolic victims of injustice” que vagueavam pelo território inglês. Para que o seu objectivo fosse cumprido, era necessário um conhecimento que não fosse baseado somente em dados empíricos ou conclusões observáveis. Orwell submergir-se-ia a fundo no mundo dos destituídos, submetendo o seu próprio corpo às privações que fazem parte do quotidiano desta classe. Aqui, o estatuto de *outsider* que acompanhara Orwell durante toda a sua experiência na Birmânia tornar-se-ia um obstáculo. A imersão deveria ser integral: o autor sentia que só quando fosse visto como um membro da classe dos destituídos, e tivesse legitimamente “touched bottom” (140), poderia se livrar de uma parte do seu sentimento de culpa.

O acto transgressor de quebrar a barreira de classes custou a Orwell uma boa dose de caracterização, e um esforço enorme no sentido de superar o medo pungente de ser desmascarado e violentamente reprimido pela sua incursão em terrenos impróprios. Embora estivesse teoricamente condenada ao fracasso (“Every suspicion of self-advancement, even to ‘succeed’ in life to the extent of making a few hundreds a year,

seemed to me spiritually ugly, a species of bullying” (138)), essa estratégia daria origem ao primeiro livro de Orwell, obra que inauguraria o sucesso do escritor na literatura não ficcional. *Down and Out in Paris and London*, um diário de viagem relatando o tempo passado disfarçado de pedinte na capital inglesa e em empregos precários nos hotéis de Paris, foi publicado em 1933.

Embora *Down and Out* não possua a inclinação política patente dos trabalhos posteriores do autor, a obra assumiu um estatuto notável. De acordo com Margery Sabin, autora do ensaio “The truths of experience: Orwell’s nonfiction of the 1930s”, a primeira obra de George Orwell foi também o primeiro passo tomado pelo autor no sentido da reprovação do preconceito mantido pela classe média em relação a ‘os pobres’, classe social que era então considerada uma “alien race of monsters, savages, or sinners” (45). Para a autora, Orwell fez uso da sua experiência para argumentar a favor da humanidade essencial dos destituídos, dando ênfase à ideia de que, mesmo não sendo autênticos exemplos de virtude, os pedintes são seres humanos normais, cujas falhas e depravações são um resultado e não uma causa do estilo de vida que os caracteriza.

Contudo, o maior trunfo da obra não foi a consciencialização que propôs ao público inglês de classe média, mas sim o passo fundamental que deu no sentido da construção de uma personagem que viria a figurar com sucesso nas obras mais politicamente relevantes da carreira do escritor: ‘Orwell’, o observador. De acordo com Raymond Williams, autor da obra *Orwell*, os relatos em primeira pessoa de George Orwell apresentam uma personagem criada com êxito em todos os sentidos possíveis do termo. “Instead of diluting his consciousness through an intermediary, as the mode of fiction had seemed to require, [Orwell] writes directly and powerfully about his whole experience”, explica o autor (Williams 49). Esse contraste foi especialmente observado em função das primeiras tentativas de produção literária por parte de Orwell, que surgiram entre 1934 e 1936. *Burmese Days* (1934), um retrato da comunidade europeia numa Birmânia ocupada pelas tropas imperiais inglesas; *A Clergyman’s Daughter* (1935), a história da filha de um pároco que vê a sua vida mudar após um ataque de amnésia; e *Keep the Aspidistra Flying* (1936), que trata da fuga de um homem, Gordon Comstock, de um sistema capitalista onnipresente, foram relativos fracassos de venda. Para Williams, isso deve-se a uma inexperiência por parte do autor em gerir a perspectiva adoptada na caracterização dos personagens principais dessas obras, uma relação que esconde a problemática da relação entre o escritor e o seu próprio mundo

(46). No universo de Orwell, onde a consciência de uma realidade circundante disfuncional assume desde o princípio um protagonismo essencial, o acto literário é, invariavelmente, um acto político. Assim, na relação entre o escritor e o seu mundo não existe espaço para a gestão das atitudes passivas de um intermediário – apenas para o trabalho directo de um interlocutor presente e pronto a oferecer reacções perante uma realidade existente e observável. Só assim é possível produzir com eficiência uma urgência que possibilite a intervenção e a reacção pretendidas por parte do público-alvo.

Esse locutor presente e interactivo é uma dos aspectos mais marcantes de *The Road to Wigan Pier*, o quinto livro de George Orwell. Aqui, a estruturação da personagem Orwell é ainda mais evidente, servindo-se da própria organização geral da obra como complemento para a sua realização. Na primeira parte do livro é-nos apresentado um narrador que, assim como os personagens das primeiras obras do autor, carrega os seus preconceitos e as suas noções mais ou menos declaradas do real para a realidade explorada, assumindo assim uma postura relativamente passiva enquanto percorre e interage com a mesma; na segunda parte, esse narrador enviesado transforma-se num observador consciente, capaz de tirar conclusões políticas perspicazes com base na sua própria experiência. Assim sendo, *The Road to Wigan Pier* é mais do que uma obra que se permite uma autoridade política singular no contexto de onde surgiu: é um verdadeiro exercício entre o real e o construído, a fábula e o sujeito, o documental e o ficcional.

Um dos factores cruciais para o surgimento de *The Road to Wigan Pier* foi um amadurecimento do próprio autor após a sua experiência em Londres e Paris. Para Margery Sabin, esse amadurecimento deve-se à constatação de que a ideia de que seria possível fazer-se passar por um membro das classes mais baixas através do uso de uma “máscara” era ridícula. “In *The Road to Wigan Pier*”, argumenta a autora, “Orwell denies himself the naïve satisfaction of belief that he could breach the class-bar in England of the Depression years so easily” (Sabin 46). Na exposição dos motivos que o levaram a escrever a obra, Orwell serve-se dessa “naïve satisfaction”, que caracterizava a sua confiança de que o problema de classes pode ser facilmente compreendido e analisado através de uma “máscara”, para estabelecer mais uma vez um paralelo entre a sua mentalidade antes do contacto com a classe trabalhadora de Wigan e a mentalidade da maioria dos membros da classe média inglesa da década de 30. “ But unfortunately

you do not solve the class problem by making friends with the tramps”, conclui; “At most you get rid of some of your own class-prejudice by doing so” (Orwell 143).

Nesse momento é necessário clarificar uma distinção essencial para a contextualização cronológica de *The Road to Wigan Pier*. Quando se propôs a embarcar na experiência que deu origem a *Down and Out in Paris and London*, Orwell tinha um conhecimento limitado das classes mais baixas do panorama social inglês. Isso deve-se essencialmente à noção errónea herdada da sua experiência militar na Ásia de que todos os afectados pela crise no sistema económico do pós-guerra eram vítimas de uma “tyranny and exploitation” (Orwell 139) análoga à opressão do sistema colonial na Birmânia, não havendo dentro dessa classe uma distinção que merecesse uma maior consideração. Para Orwell, a noção de pobreza era indissociável da noção de fome extrema. “Therefore my mind turned immediately towards the extreme cases, the social outcasts: tramps, beggars, criminals, prostitutes, [those who were] the lowest of the low” (*ibidem*). Em *The Road to Wigan Pier*, o autor tem o cuidado de definir que esses “lowest of the low” são na verdade personagens excepcionais, tão representativos da classe trabalhadora no geral quanto a elite intelectual é representativa da burguesia (143). O seu verdadeiro foco na obra passa então a ser aqueles que para si são os verdadeiros representantes das injustiças económicas da década de 30, ou, nas suas palavras, as vítimas da “‘respectable’ poverty”, que marcava “The frightful doom of a decent working man suddenly thrown on the streets after a lifetime of steady work” (139)¹³.

A tomada de consciência sobre essa classe trabalhadora “normal” é-nos pois apresentada como um processo. Em Wigan, Orwell descobre que não existe um atalho para a integração na classe trabalhadora normal, como o disfarce que facilitou a sua integração na classe dos pedintes. “For some months I lived entirely in coal-miner’s houses”, relata; “I ate my meals with the family, I washed at the kitchen sink, I shared bedrooms with miners, drank beer with them, played darts with them, talked to them by the hour together. But though I was among them, (...) I was not one of them, and they knew it even better than I did” (Orwell 145). A diferença entre classes mostrou-se uma presença tão importante para o desenvolvimento da experiência do autor quanto a

¹³ Uma distinção que passa evidentemente pelo enquadramento da situação em termos morais por parte de Orwell. Não explorarei esse aspecto aqui de forma directa, mas todavia sugiro que a moralização dos diferentes estratos das classes mais baixas tem que ver com a estratégia retórica de humanização adoptada pelo autor, que se propõe aproximar as classes abordadas em RWP da classe média a quem o livro é especialmente dedicado para fomentar o ideal de união e justiça ao qual o livro se resume.

própria realidade que Orwell se propôs observar no âmbito do projecto encomendado por Gollancz, e o primeiro passo no sentido de uma análise minuciosa precisaria forçosamente de passar pela observação dessas condições que marcavam uma discrepância tão grande entre si e o seu objecto de estudo. Assim, a primeira parte de *The Road to Wigan Pier* é inteiramente composta por uma componente observável, onde Orwell analisa os aspectos principais que caracterizam o quotidiano dos membros da classe trabalhadora, tais como as condições de habitação, o trabalho, a alimentação e a própria configuração urbanística resultante da industrialização no norte do país. Após cada uma dessas experiências uma pequena conclusão é tirada, que pontua o crescimento da consciência do autor, dando origem na segunda parte da obra a uma verdadeira argumentação política, que enfatiza a tomada gradual de consciência e a construção da autoridade da figura narradora em função do ponto de vista final sobre o socialismo em Inglaterra.

Um bom exemplo do esquema geral de ideias adoptado por Orwell é o primeiro capítulo da obra, de resto um dos mais representativos da abordagem pretendida em *The Road to Wigan Pier*. Aqui, Orwell analisa as condições habitacionais oferecidas por uma “lodging house” em Wigan, submetendo-se a passar algumas noites hospedado no recinto e em contacto directo com a classe de pessoas que normalmente frequenta locais semelhantes. A pensão, cujos quartos apresentavam um “defiled impermanent look of rooms that are not serving their rightful purpose” (3), situava-se sobre uma “‘tripe and pea’ shop” com salas frias e vestígios brancos de antigos cartazes de chocolate nas paredes, onde “not much else was stocked except bread, cigarettes and tinned stuff” (5). Ambos os negócios pertenciam ao Mr. e à Mrs. Brooker, ele um “dark, small-bone, sour, Irish-looking man, and astonishingly dirty” (*ibidem*); ela, uma mulher que passava os dias deitada em um sofá disforme num estado de doença permanente, sem saber ou se interessar pela verdadeira causa da sua maleita. Além de Orwell, encontravam-se hospedados na pensão dos Brookers um mecânico chamado Mr. Reilly, um mineiro escocês que sobrevivia através da compensação que lhe fora oferecida após um acidente em trabalho numa mina de carvão, dois reformados em idade avançada e Joe, um homem desempregado que recebia subsídio do estado devido à sua condição. Havia também um movimento moderado de clientela flutuante, na sua maioria viajantes comerciais e actores em digressão, e um auxílio extra na cozinha e nas tarefas domésticas prestado por Emmie, a noiva de um dos filhos dos Brookers, uma rapariga de nariz fino e olhar eternamente descontente.

Orwell intriga-se com as condições daquela pensão, com os cheiros, com a sujeira, com a comida desprezível servida ao jantar, com o acervo interminável de lamentações e descontentamentos daquelas pessoas que mais se assemelhavam a fantasmas, ensaiando dia após dia as mesmas lengalengas (14). No dia em que encontra um penico cheio de baixo da mesa da cozinha decide que já viu o suficiente, e resolve sair. Na porção final do capítulo, o escritor defende que, embora seja um exercício penoso, olhar atentamente para aquelas condições é mais do que uma experiência necessária para compreender as condições da classe média: é um dever cívico.

Columbus sailed the Atlantic, the first steam engines tottered into motion, the British squares stood firm under the French guns at Waterloo, the one-eyed scoundrels of the nineteenth century praised God and filled their pockets; and this is where it all led – to labyrinthine slums and dark back kitchens with sickly, ageing people creeping round and round them like black beetles. It is a kind of duty to see and smell such places now and again, especially smell them, lest you should forget that they exist; though perhaps it is better not to stay there too long. (14)

A próxima experiência narrada dá-se a título casual, já no comboio que transporta o narrador para fora da cidade onde se encontrava. Aqui, passando os olhos por fileiras e mais fileiras de pequenos casebres acinzentados que constituíam o bairro pobre da cidade de Wigan, Orwell encontra uma jovem de joelhos nas pedras da área traseira da sua casa. A jovem, com a típica “exhausted face of the slum girl who is twenty-five and looks forty” (14), tentava desentupir com uma vareta um cano de esgoto que se conectava com a pia no interior da casa. A expressão que apanhou de relance nos olhos da jovem foi a expressão mais desolada e desesperadora com que já se havia deparado.

It struck me then that we are mistaken when we say that ‘It isn’t the same for them as it would be for us’, and that people bred in the slums can imagine nothing but the slums. For what I saw in [the young girl’s] face was not the ignorant suffering of an animal. She knew well enough what was happening to her – understood as well as I did how dreadful a destiny it was to be kneeling there in the bitter cold, on the slimy stones of a slum backyard, poking a stick up a foul drain-pipe. (15)

A predominância de metáforas animais nesses dois trechos – a vida dos Brookers assemelhada ao movimento de besouros no primeiro, e a qualificação da condição da jovem ajoelhada nas traseiras da sua casa como animalesca no segundo –

não é acidental. Faz parte da estratégia retórica de Orwell em *The Road to Wigan Pier* de utilização de determinados artifícios para comunicar com os seus leitores de classe média, sendo a analogia animalesca que propõe para as pessoas com quem manteve contacto durante a sua estadia na pensão dos Brookers uma das táticas mais representativas do efeito pretendido no primeiro capítulo. Para Lynette Hunter, autora do livro *George Orwell: The Search for a Voice*, essas estratégias de comunicação representam o culminar de um processo de evolução da voz narrativa que pode ser traçado desde as primeiras obras do escritor. De acordo com Hunter, após as suas primeiras obras, Orwell “begins to understand that it is not entirely a question of the speaker or writer, but that audiences too have their own rethorics which either impose upon the text or interact with it” (45). Com o relativo fracasso das suas experiências no campo ficcional, onde Orwell procurava diluir a sua consciência através da utilização de personagens intermediários, o escritor retorna à narrativa documental em primeira pessoa de *Down and Out in Paris na London*, mas com um “changed outlook on the relationship between writer and audience as well as between narrator and character” (Hunter 46).

Para compreendermos melhor essa evolução, é importante fazermos uma análise da maneira como Orwell trata a realidade observada durante o primeiro capítulo da obra. “At the start, the narrator is concerned with creating a persona that can present valid observations”, explica Hunter. “Yet this persona knows very little about his surroundings, so he is faced with the problem of simultaneously learning and reporting. The result is a detached conjecturing narrator, who finds much of what he sees alien, and deals with it by placing it in a humorous perspective” (Hunter 48). Neste caso, a posição evidente de *outsider* estabelecida pelo narrador é intensificada pela aproximação física entre o observador e o objecto observado. Ao instalar-se na pensão do Mr. e da Mrs. Brooker, tendo ao mesmo tempo uma consciência clara e claramente declarada da diferença patente de classes que existia entre ele e as pessoas com quem lá convivia, Orwell estabelece um processo curioso de familiarização e desapego simultâneos. O resultado final, para Hunter, é a construção de uma situação onde o narrador “is ineradicably alien to the situation, and so is his expected reader” (49). Assim, a utilização das metáforas animais que Orwell empregou na descrição dos donos da pensão e da jovem que desentupia o cano de esgoto representa uma plena consciência do papel do seu narrador e da maneira como seria estabelecido o contacto com os seus narratários: ao desumanizar essas personagens, o escritor evidencia a diferença

ontológica que qualificaria a sua primeira impressão da vida numa cidade de classe trabalhadora através de um paralelo entre os seus preconceitos e aquilo que acredita ser a “middle-class mentality”, para mais tarde trabalhar sobre essa impressão e desenvolvê-la à caminho da consciência epistemológica que constitui o cerne da ideia apresentada na sua *Road to Wigan Pier*.

Esse processo torna-se um pouco mais claro quando analisamos o contraste entre as estratégias narrativa do primeiro capítulo e as estratégias empregues nos dois capítulos subsequentes, onde são expostas as condições domésticas e laborais dos mineiros do norte da Inglaterra. Nesses capítulos, a estrutura inicial proposta por Orwell mantém-se: as realidades observadas são seguidas de importantes considerações pessoais sobre o assunto, que pavimentam o caminho percorrido em rumo a uma maior consciencialização. Contudo, o objecto de análise assume aqui um novo protagonismo – o próprio posicionamento da situação da classe dos mineiros na fase inicial da obra, sobretudo em um projecto que se propõe prioritariamente tratar da situação dos desempregados, é disso testemunha. “Our civilisation”, afirma Orwell, “is founded on coal, more completely than one realises until one stops to think about it. (...) [The coal-miner] is a sort of grimy caryatid upon whose shoulders nearly everything that is *not* grimy is supported” (18, ênfases do autor). Com essas palavras, Orwell estabelece já no princípio do capítulo II aquela que viria a ser a diferença mais marcante dessa parte da obra, que é o assumir de uma posição subsidiária em relação ao seu objecto de análise. Esse processo tem início com a integração do narrador numa jornada de trabalho de um grupo de mineiros de uma localidade não especificada no norte da Inglaterra. As condições de trabalho cuja investigação é proposta são narradas com minúcia: desde a descida na mina até a chegada à “coal face”, passando pelas estratégias de extracção do carvão e pelos perigos que surgem do trabalho. No entanto, é já no trajecto inicial da jornada, efectuado entre o poço do elevador e o local onde se encontra o carvão, que o narrador começa a sentir as primeiras dificuldades.

At the start to walk stooping is rather a joke, but it is a joke that soon wears off. I am handicapped by being exceptionally tall, but when the roof falls to four feet or less it is a tough job for anybody except a dwarf or a child. (...) After half a mile it becomes (I am not exaggerating) an unbearable agony. You begin to wonder whether you will ever get to the end – still more, how on earth you are going to get back. (...) [When] you come to the end of the beams and try to get up again, you find that your knees have temporarily struck work and refuse to lift you. You call a halt, ignominiously, and say that you would like to rest for a

minute or two. Your guide (a miner) is sympathetic. He knows that your muscles are not the same as his. (23-4)

Ao ver postas em causa as suas próprias condições físicas em função do desempenho de um trabalho que caracteriza o quotidiano da classe trabalhadora, o narrador reconhece uma certa inferioridade em relação àquela classe, posição de todo ausente no discurso da voz presente na pensão dos Brookers¹⁴. Essa inferioridade é crucial para o argumento de *The Road to Wigan Pier* – no estabelecimento dos padrões igualitários que constituem a ideologia socialista, a inferioridade física que marca a impotência das classes médias diante dos desafios diários da classe trabalhadora serve para jogar em contraponto com a superioridade social que qualifica a condição das classes mais altas, algo omnipresente dentro da mundivisão da sociedade inglesa dos anos 30. É portanto natural que no final do capítulo III surja pela primeira vez na obra uma afirmação clara sobre a natureza dominante das classes. Ao estabelecer contacto com um mineiro que recebia um subsídio devido à sua condição física (nistagmo), resultante de anos de trabalho dentro das minas, Orwell nota que, mesmo após o seu sacrifício físico em função da sua posição laboral, a atitude do homem perante aqueles que pagam o seu subsídio continua a ser marcada por uma postura subalterna. “The business of petty inconvenience and indignity, of being kept waiting about, of having to do everything at other people’s convenience, is inherent in working-class life”, argumenta o escritor. “A thousand influences constantly press a working man down into a passive role. He does not act, he is acted upon.” (Orwell 44).

Além de uma mudança na maneira como o sujeito é compreendido, nos capítulos II e III passa a ser possível verificar uma certa evolução da própria voz narrativa em função da realidade que a mesma se propõe observar. A preocupação principal de Orwell passa a partir de então a ser a colocação da realidade presenciada em termos familiares, que possam ser compreendidos e interiorizados pelo leitor. Para Lynette Hunter, esse exercício passa por um envolvimento mais activo do narratário ao longo do texto. Nesses dois capítulos, de acordo com a autora, “The narratorial ‘you’ is no longer

¹⁴ Um aspecto representativo dessa diferença é a contextualização de duas frases bastante semelhantes, cada uma utilizada em situações retoricamente distintas. Ao se deparar com a jovem em Wigan a desentupir um cano de esgoto, Orwell reconheceu que “we are *mistaken* when we say that ‘It isn’t the same for them as it would be for us’, and that people bred in the slums can imagine nothing but the slums” (15, minhas ênfases). No capítulo II, contudo, o escritor declara prontamente que “It is easy to say that miners don’t mind all this. *Certainly*, it is not the same for them as it would be for you or me” (26, minhas ênfases).

generalizing about types, but is a vicariously experiencing ‘you’, who familiarizes himself with the situation by active experience, and who familiarizes the reader by involving him in response to the recreation of experience” (Hunter 51). A existência de uma experiência activa pode ser comprovada através de uma simples análise do número de vezes em que a palavra ‘you’ foi utilizada no trecho transcrito das páginas 23-4 da obra. Consequentemente, o narratário começa a se tornar uma parte importante do enredo: a sua participação enquanto membro da classe média na realidade que proporcionou o surgimento do cenário narrado invalida o mero papel de espectador com um determinado ponto de vista sobre a situação que lhe foi oferecido na parte inicial da obra, convidando-o a repensar a sua atitude perante a realidade analisada.

Esse desenvolvimento é retomado nos capítulos seguintes da primeira parte da obra, ao mesmo tempo em que são apresentadas diversas situações que caracterizam o quotidiano da vida da classe trabalhadora do norte da Inglaterra. No final da Parte I, Orwell traça uma das imagens mais sentimentalmente carregadas de todo o livro, onde são estabelecidos simultaneamente um ponto de equilíbrio no plano do enredo e no plano do argumento da primeira metade de *The Road to Wigan Pier*. Eis a imagem com que o leitor se depara no final do capítulo VII:

I have often been struck by the peculiar easy completeness, the perfect symmetry as it were, of a working-class interior at its best. Especially on winter evenings after tea, when the fire glows in the open range and dances mirrored in the steel fender, when Father, in shirt-sleeves, sits in the rocking chair a tone side of the fire reading the race finals, and Mother sits on the other with her sewing, and the children are happy with a pennorth of mint humbugs, and the dog lolls roasting himself on the rag mat – it is a good place to be in, provided that you can be not only in it but sufficiently *of* it to be taken for granted. (108, ênfase do autor)

Em termos narrativos, essa passagem representa a conclusão do percurso circular que caracteriza um modelo de viagem. Partindo da pensão dos Brookers, o narrador alcança finalmente o seu destino final, que nada mais é do que uma outra situação de convivência familiar no seio da classe trabalhadora. Porém, desta feita a situação é compreendida à luz das experiências adquiridas durante o percurso, adquirindo uma tonalidade favorável para o narrador – e para os propósitos finais do autor para a obra – que pontua a conclusão de uma busca. Já em termos retóricos, essa imagem marca a conclusão do processo de consciencialização epistemológica que caracteriza a primeira parte de *The Road to Wigan Pier* através do forte contraste que estabelece com a

imagem da pensão dos Brookers narrada no primeiro capítulo da obra. No espaço de sete capítulos, as classes mais baixas deixaram de ser retratadas através de uma analogia animalésca e passaram a assumir o importante estatuto de modelo plausível de convívio familiar. Para tal, Orwell não só indica mais um importante contraponto para o estabelecimento dos padrões igualitários da ideologia socialista através da humanização dotada de uma “peculiar easy completeness” que marca a imagem de uma casa caracteristicamente “common”, como também favorece a aceitação de determinados aspectos do padrão de vida das classes mais baixas apresentando-a como uma ferramenta útil no processo de melhoramento da vida da própria classe média¹⁵.

Na segunda parte da obra, Orwell apresenta um argumento conciso e sistemático a favor do Socialismo, ou de uma estirpe característica de Socialismo que o escritor acredita ser a única salvação da Inglaterra perante a ameaça então iminente do fascismo. Para tal, é-nos apresentado um ensaio dividido essencialmente em duas partes. Nos capítulos VIII, IX e X, Orwell fala com convicção e autoridade (desenvolvida através da inclusão de uma pequena autobiografia nos capítulos VIII e IX) sobre a questão das classes da sociedade inglesa, enquanto os dois capítulos posteriores são dedicados a uma exploração detalhada das falhas e das possíveis instâncias de melhoramento da ideologia socialista da época. No capítulo final, Orwell oferece uma possível solução para o problema do Socialismo – que passa essencialmente pela adopção de um modelo ideológico mais aberto, quer política quer socialmente, por parte do público-alvo definido para a sua obra.

Embora a análise dos defeitos e das peculiaridades do movimento socialista na Inglaterra dos anos 30 proposta por Orwell tenha evidentemente os seus méritos, é na exploração da questão das classes que reside a verdadeira pérola do argumento proposto em *The Road to Wigan Pier*. Afinal, a argumentação directa do problema das classes representa a estruturação final de um processo que começou a ser desenvolvido desde o princípio da obra. A viagem que começou na pensão dos Brookers e terminou com a imagem idílica de uma família de classe trabalhadora descansando em frente a uma lareira em uma tarde de inverno teve como objectivo principal a caracterização de um percurso de consciencialização que Orwell se empenhou a percorrer juntamente com os seus leitores de classe média. Através desse percurso, quer Orwell quer os seus leitores

¹⁵ O argumento a favor dessa aceitação torna-se especialmente forte quando Orwell analisa as atitudes diferentes de cada classe em relação à família e ao enquadramento social. “You cannot have an effective trade union of middle-class workers, because in times of strikes almost every middle-class wife would be egging her husband on to blackleg and get the other fellow’s job” (p. 197), argumenta o escritor.

deixaram para trás a visão ontológica de uma classe trabalhadora de “monsters, savages, or sinners” e passaram a aceitar os valores epistemológicos da classe trabalhadora como uma boa alternativa de convívio familiar e em sociedade. Agora, estabelecidos os parâmetros que proporcionarão um entendimento melhor das classes mais baixas, é chegado de o momento de trazer o olhar do observador para diante de um espelho, e analisar melhor como a classe média se posiciona diante do problema.

No primeiro capítulo da segunda parte (cap. VIII), logo após ter definido que a sua jornada fora impulsionada pelo desejo de conhecer com mais profundidade a realidade da classe trabalhadora inglesa em função do desenvolvimento da sua abordagem ao Socialismo (113), Orwell lança prontamente a pedra basilar do seu argumento: “ (...) the essential point about the English class-system is that it is *not* entirely explicable in terms of money. Roughly speaking it is a money-stratification, but it is also interpenetrated by a sort of shadowy caste-system” (114). Além de servir como um ataque directo à filosofia marxista, considerada pelo escritor um dos principais inimigos do Socialismo inglês¹⁶, a analogia entre o sistema de classes da Inglaterra e um sistema de castas será crucial para uma compreensão profunda do posicionamento social de uma grande fatia da população inglesa: segundo Orwell, aqueles que se definem como “shock-absorbers of the bourgeoisie” (116). Nessa classe, à qual pertencem, além do próprio escritor, “the clerk, the engineer, the commercial traveller, the middle-class man who has ‘come down in the world’, the village grocer, the lower-grade civil servant and all other doubtful cases” (211), existe uma consciência da pobreza muito maior do que nas outras classes, devido ao facto de aqueles que nela se enquadram possuírem um rendimento médio equivalente ao rendimento de uma família de classe trabalhadora e tentarem manter as aparências sociais de uma família de classe média. Isso faz com que os membros dessa classe média peculiar se agarrem ao seu prestígio social sempre que alguma situação faz com que o mesmo seja posto em causa, uma vez que são os títulos o único aspecto que os separam das tão temíveis classes baixas.

Com uma noção clara do aumento cada vez mais pronunciado dessa classe de pessoas devido à situação económica desfavorável da década de 30, e do perigo que representa a aliciação dos mesmos por uma ideologia fascista que se apresentava como uma alternativa cada vez mais viável face à crise no sistema capitalista, Orwell propõe

¹⁶ De acordo com Orwell, a filosofia marxista afasta os trabalhadores da ideologia esquerdista graças ao seu denso jargão, que se prende inextrincavelmente com a economia. “When the ordinary person hears phrases like ‘bourgeois ideology’ and ‘proletarian solidarity’ and ‘expropriation of the expropriators’, he is not inspired by them, he is merely disgusted” (208), afirma o escritor.

então um exercício de aceitação da situação económica do país como uma situação que toca a todos, onde as diferenças entre classes são deixadas momentaneamente de lado (embora seja arguto o suficiente para não pregar a favor da sua completa abolição no momento) e todos se unam em função de um movimento único a favor da justiça e da liberdade – os verdadeiros pilares do Socialismo. De acordo com o escritor, após o estabelecimento de um regime político socialista, e da derradeira eliminação da ameaça do fascismo na Inglaterra, uma aproximação integral entre a classe média e a classe trabalhadora poderá vir a ser uma realidade; afinal, argumenta Orwell, “we have nothing to lose but our aitches” (215).

Embora tal só seja evidente mais tarde, na conclusão real da obra, ao eliminar o factor económico da distinção entre classes Orwell põe já no início da parte II o ponto final no processo de aproximação entre a classe média e a classe trabalhadora que é trabalhado durante todo o caminho para *Wigan Pier*. A diferença é de facto uma diferença epistemológica, embora a sua eventual superação implique muito mais do que um simples repensar da atitude perante o próximo. É preciso acima de tudo repensar a atitude do ‘eu’ enquanto membro de uma classe; meus preconceitos e minhas opiniões enviesadas, minhas atitudes e a minha capacidade de aceitação, aquilo que me foi ensinado e aquilo que estou disposto a aprender. Assim, utilizando o socialismo como ferramenta e o enquadramento contextual do fascismo como motivo primário para a sua efectuação, o ponto de contacto entre a classe média e a classe trabalhadora é estabelecido sobretudo nos termos de uma trégua momentânea, em prol do combate ao grande mal do desemprego que põe em risco a economia do norte do país e ao mal ainda maior do estabelecimento de um governo de extrema-direita. Para isso, contudo, o escritor mostra ter consciência de que o método de análise destacada de um objecto de estudo não basta. A própria evolução da voz narrativa entre a primeira e a segunda parte do livro oferece uma parábola da nova perspectiva de estudo que o tema exige que seja alcançada. Orwell optará acima de tudo por uma abordagem activa, pragmática e consciente, que remetem ao seu estilo próprio de cativar o narratário com a sua abordagem política e com as suas opiniões fundamentadas – uma construção característica de um escritor cuja própria relação com o mundo nasce de uma dialéctica entre a voz politicamente estruturada e a voz do eterno *outsider*.

Estabelecidos pois os alicerces que nos permitem compreender melhor *The Road to Wigan Pier* e o percurso que o seu autor percorreu até a sua redacção, assim como os

percursos subjacentes às demais obras que compõem a tradição de “the Condition of England”, é possível tirar algumas conclusões primárias quanto à ligação que existe entre essa obra de George Orwell e o subgénero que tenho abordado neste trabalho. As privações físicas que Orwell experimenta quando escreve sobre os mineiros do norte da Inglaterra, por exemplo, são marcas de uma abordagem fundamentalmente empírica ao objecto de estudo, enquanto a digressão sobre o sistema de classes inglês e sobre as suas ramificações na sociedade contemporânea demonstra uma grande sensibilidade à questão da identidade nacional. Contudo, antes de concluir qual é a característica que marca a verdadeira contribuição do percurso de Orwell ao norte do país a esse subgénero, proponho que observemos de que forma a escrita sobre o estado do país evoluiu após os anos 30, e o legado – se algum – que o caminho para Wigan Pier deixou no imaginário literário daqueles que, assim como os demais autores dessa tradição, procuraram conhecer a fundo a verdadeira face da Inglaterra.

IV – Condition of England: Presente e Futuro

Na conclusão do diário de viagens que escreveu relatando o percurso que realizou por todo o território inglês no ano de 1933, o autor e dramaturgo inglês J. B. Priestley diz ter-se deparado com três Inglaterra diferentes. A primeira, diz-nos o escritor, é a Inglaterra romântica dos prados verdejantes e das catedrais góticas nas pequenas aldeias rurais; uma Inglaterra que hoje se relega exclusivamente às brochuras turísticas e ao imaginário daqueles que nela reivindicam a sua ascendência familiar ou artística. A segunda Inglaterra é o país da Revolução Industrial, dos ‘old staples’ e dos bairros de lata do final do século XIX – “the industrial England of coal, iron, steel, cotton, wool, railways” (Priestley 373), segundo o autor – que tem nos grandes industrialistas as suas figuras mais proeminentes e nos cenários desolados das populações do norte do país o seu pano de fundo mais característico. Por fim, temos a Inglaterra do pós-Primeira Guerra Mundial, uma Inglaterra com uma raiz mais facilmente identificável no tempo do que no território geográfico que ocupa. Esta é a Inglaterra das grandes auto-estradas, das fábricas com fachadas renovadas, dos bens de consumo massificados e de “everything given away for cigarette coupons” (Priestley 375), onde a acessibilidade dos produtos que outrora poderiam ser classificados como bens de luxo trouxe uma padronização geral dos meios de vida e dos modos de ver.

A pluralidade de Inglaterra que Priestley nos apresenta é representativa da pluralidade de estilos e de métodos de observação que foram empregues ao longo dos tempos na tarefa de escrever o estado do país. De facto, é possível enquadrar em cada uma dessas Inglaterra uma vertente diferente de “the Condition of England”, consoante a época em que cada obra deste género foi escrita e a mundivisão vigente sobre a produção literária de cada um dos autores da tradição. À primeira Inglaterra, a Inglaterra romântica da era pré-vitoriana, pertenceriam pois as obras dos primeiros autores que se empenharam em relatar as condições do território inglês, primeiro com o auxílio de métodos corográficos anteriores ao reinado de Carlos II e depois através do emprego dos instrumentos mais recentes de medição geográfica. Este grupo estende-se desde os topógrafos da era Tudor até a William Cobbett que, embora tenha escrito no período subsequente à Revolução Industrial, se ocupou maioritariamente da forma como as zonas rurais da Inglaterra de então se modificaram como consequência da Revolução

Agrária – o verdadeiro “country of the cathedrals and minsters and manor houses and inns” (372) a que Priestley se refere. Com a segunda Inglaterra, a Inglaterra industrial, assistimos ao surgimento da tradição de “the Condition of England” enquanto subgénero literário do romance realista, centrando-se porém na forma não-ficcional. Aqui, a linha de autores vai desde Carlyle até ao próprio Orwell, que traça na sua *The Road to Wigan Pier* um retrato exímio dos descendentes directos das cidades industrializadas do norte¹⁷. Esta também é a Inglaterra dos autores que ajudaram a estabelecer o campo dos estudos sociológicos através das suas obras, como é o caso de Mayhew e Engels.

Neste capítulo, ocupar-me-ei sobretudo dos autores da terceira Inglaterra, a Inglaterra do pós-Segunda Guerra Mundial – que surgiu embrionariamente após a Primeira Grande Guerra, mas só após a Segunda se consumou. Esta é seguramente a mais vasta e mais bem documentada das três Inglaterras – fruto directo do desenvolvimento da era da comunicação, nunca em nenhum outro tempo fora possível obter informações de forma tão rápida e de fontes tão distintas. Porém, conforme nos avisa Priestley na sua conclusão, é também entre todas a mais desenraizada, aquela que parte de uma maior afluência de estilos e de modos mais discrepantes de compreensão do território e da realidade circundante. Podemos de facto estabelecer desde o princípio que, assim como previa o autor, o único fio condutor que liga as obras desses autores é aquele que se move dentro do espaço diacrónico, deixando de lado a sincronia que regia todos os exemplares anteriores do género.

Embora a sua contribuição para a tradição de “the Condition of England” tenha aparecido três anos antes da publicação de *The Road to Wigan Pier*, o primeiro autor de que falarei contribuiu de forma única para a escrita da terceira Inglaterra, podendo mesmo ser considerado, no âmbito deste levantamento, o profeta do seu surgimento. Trata-se de John Boynton Priestley, autor de *English Journey*. Proponho primeiro uma breve análise da vida e da obra de Priestley, para passar depois a um esclarecimento da importância da obra *English Journey* enquanto representante da tradição de “the Condition of England” e enquanto um levantamento de natureza sociopolítica realizado na mesma época em que Orwell se preparava para efectuar a sua *Road to Wigan Pier*.

¹⁷ É curioso reparar que, ao descrever os habitantes da segunda Inglaterra, Priestley utilizaria a mesma metáfora que Orwell empregou em *The Road to Wigan Pier* para qualificar a situação de desespero em que viviam os membros das classes mais baixas no norte industrializado. “They had some sort of security (...) but it was a security of monstrously long hours of work, miserable wages and surroundings in which they lived like black-beetles at the back of a disused kitchen stove” (Priestley, 374), diz o autor.

John Boynton Priestley, melhor conhecido como J. B. Priestley, nasceu na cidade de Bradford, Yorkshire, em 1894. Embora tenha usufruído de algum conforto na infância enquanto filho de um director de escola, Priestley ingressou cedo no mundo do trabalho. Aos 16 anos deixou os estudos para trabalhar como secretário numa empresa de tecidos sediada em Bradford, uma cidade que passou a usufruir de uma grande afluência devido à sua produção de matérias têxteis após a Revolução Industrial. Em 1914 Priestley partiu para a Primeira Guerra Mundial na companhia do pelotão nº 8 da cidade de Bradford, uma força composta, segundo o escritor, quase exclusivamente por “tough factory hands, some of them of Irish descent, not without previous military service, generally in the old militia” (Priestley 160). Em 1916, após ferimentos graves causados por um morteiro, Priestley recebe baixa e decide resumir os seus estudos universitários em Oxford, de onde sairia com uma carreira de escritor relativamente estabelecida.

De acordo com John Atkins, autor de *J. B. Priestley: The Last of the Sages*, a melhor forma de definir Priestley é através do rótulo “professional writer” (1). Durante toda a sua vida, Priestley aventurou-se pelos mais diversos registos de produção literária, produzindo uma afluência notável de obras em cada uma das formas de expressão que explorava. Além do romance, fazem parte da sua extensa lista bibliográfica o género ensaístico, as peças de teatro, os textos publicitários, as resenhas críticas e, numa fase mais tardia, os levantamentos sócio-históricos da Inglaterra, país de onde nunca partiria a título definitivo. Contudo, a intensidade da produção que caracterizou a sua carreira enquanto escritor não permitiu que Priestley pudesse dar a devida atenção a nenhuma das obras que escreveu. “[Priestley] has always had to write to live”, diz-nos Atkins, “and this in turn means that he has never been in a position to be hypersensitive about what he wrote” (*ibidem*). Como consequência, o escritor nunca chegou a produzir algo que o pudesse elevar à mesma posição de outros autores da sua época, como H. G. Wells ou George Orwell. Nas palavras de Atkins, Priestley não produziu “anything which is undeniably a masterpiece or even a work which, though flawed, seems to mark a moment in the history of English Literature” (vii).

No entanto, mesmo sem uma obra que o imortalizasse na posteridade literária, Priestley teve um papel marcante na sociedade inglesa da primeira metade do século XX. No ensaio “‘I Had Seen a Lot of Englands’: J. B. Priestley, Englishness and the People”, John Baxendale afirma que Priestley fazia parte do grupo restrito de “interwar ‘middlebrow’ novelists”, que eram personalidades de diversos ramos da comunicação

social que se caracterizavam por um forte envolvimento em questões sociais e políticas no período entre guerras (90). Esses autores escreviam majoritariamente para a nova classe média da sociedade de consumo, que participavam de clubes de livros e se dedicavam à leitura dos “best-sellers” mais populares. Citando Rosa Maria Bracco, John Baxendale conta-nos que esse grupo de personalidades “saw themselves with a public and social function: to explore change in contemporary society, reassert social wholeness and re-establish links with the past in the face of modernity and fragmentation” (91). Assim como Charles Dickens, o seu modelo literário por excelência, Priestley acreditava que tinha a função de retratar uma realidade em grande parte desconhecida do seu público – um público que, tal como na época dos romances realistas vitorianos, era composto majoritariamente por habitantes da região sul da Inglaterra. No entanto, à diferença dos seus predecessores, os escritores do grupo de Priestley faziam uso dos meios de comunicação em massa desenvolvidos na década de 1930 para que um número crescente de pessoas pudesse receber a mensagem transmitida (Priestley em particular tinha um programa de rádio com um grande número de ouvintes na emissora BBC durante a Segunda Guerra Mundial). O resultado final era uma plataforma pública sem precedentes, composta por seguidores fiéis e pessoas que respeitavam essas personalidades como autênticos formadores de opinião.

Aproveitando este estatuto de figura popular, ao qual em meados da década de 1930 fora acrescentada uma excursão teatral bem recebida pelo público e pela crítica em geral, Priestley decide fazer um levantamento do estado da Inglaterra no período entre guerras. *English Journey*, de 1934, obedece aos preceitos mais comumente associados à escrita de “the Condition of England”: partindo de uma metodologia de observação marcadamente pragmática, o escritor oferece um relato de primeira pessoa da condição de todas as áreas observadas, buscando sempre o emprego de uma narração transdiscursiva e concluindo com uma ideia que sumariza as constatações sobre a realidade observada em função do espírito de uma identidade nacional tal como a compreende. O sucesso de *English Journey* levou mesmo alguns historiadores a considerarem a obra um trabalho de investigação sociológica a par de *The Road to Wigan Pier* na exposição que propõe da convivência ambígua entre a emergente sociedade de consumo dos anos 30 e a destituição patente nas zonas do norte do país herdada da Revolução Industrial (Baxendale 91). Porém, e em grande parte como consequência do populismo “middlebrow” do seu autor, a obra de Priestley é lida por muitos como uma exposição superficial do país, fruto de uma vaga temporária de guias

de viagem que se destinavam exclusivamente àqueles que buscavam informações simples sobre sítios acessíveis que pudessem explorar com os seus automóveis.

Para resolver essa ambiguidade, proponho que os parâmetros que argumentam a favor da inclusão de *English Journey* na tradição de “the Condition of England” sejam articulados através de alguns termos de comparação que a obra oferece com *The Road to Wigan Pier*. Assim, pretendo traçar o cruzamento definitivo entre os preceitos que regem a produção de *English Journey* e algumas das características principais das obras de “the Condition of England”, abrindo também caminho para uma revisão das teorias que tenho desenvolvido como fundamentais para a inclusão de uma obra nesta tradição.

Começo pela análise de um dos termos mais utilizados para descrever a posição social de escritores que, assim como J. B. Priestley, atingiram o seu auge de popularidade nos anos 30: “middlebrow”. De acordo com o *Longman Dictionary of Contemporary English*, o termo “middlebrow” é comumente associado a “books, television programmes, etc” que “are of fairly good quality but are not very difficult to understand”. Trata-se portanto de uma produção de qualidade intelectual média, direccionada principalmente à massa de consumidores que surgiu com a padronização do consumo. É pois evidente que, ao classificar um produto como “middlebrow”, a crítica prende-se não tanto com o produto em si quanto com os consumidores do mesmo, aqueles a quem o produto fora destinado; sendo previamente compreendidas como consumidores de um produto “middlebrow”, essas pessoas são rotuladas como incapazes de consumir algo que pertença a um fundo cultural mais elevado. A problemática de “middlebrow” em Priestley passa, portanto, como veremos, necessariamente pela problemática de narratário.

A primeira instância em que Priestley parece dialogar com o seu leitor aparece no meio do primeiro capítulo, quando, após se encontrar casualmente com o comissário de um navio onde viajara noutra ocasião com alguns amigos, descobre que o jovem decidiu abandonar a vida na tripulação em busca de um emprego mais estável em terra firme. Ao reparar no contraste que existia entre os confortos oferecidos aos passageiros da classe de luxo nestes navios e as condições de trabalho dos seus funcionários, Priestley faz um apelo: “Most of us would be willing to give up a little space in the ship and a few items from the menu if we knew that the people waiting upon us were being allowed to lead a civilized life” (21). No final deste capítulo, ao expor as suas impressões finais sobre a cidade, o autor dirige-se novamente ao seu leitor, mas desta feita fá-lo de forma mais directa. “[Southampton] was not bad at all”, diz-nos Priestley.

“Given a job to do and a bit of money in our pockets, you and I could live there and be reasonably happy” (23).

As duas instâncias em que Priestley interpela o seu narratário nesse capítulo oferecem um retrato mais ou menos definido do grupo de pessoas onde o autor imagina que o seu leitor alvo se enquadrará. No primeiro caso, quando expõe a situação do funcionário do navio, o narratário é alguém que, assim como Priestley, viaja sempre que possível utilizando este meio de transporte, e quando o faz prefere fazê-lo com um certo conforto. Já no segundo caso, no âmbito de uma avaliação geral da cidade de Southampton, Priestley classifica-a como um local razoavelmente habitável, contanto que sejam atendidas determinadas condições (um trabalho e uma condição económica razoável) para que a residência se efectue; condições essas que parecem satisfazer um conjunto comum de necessidades. O que une estes dois casos de interpelação é, pois, uma maneira consistente de ver o narratário – como uma pessoa que, em suma, partilha das mesmas características sociais do narrador.

O elo de ligação entre o narrador e o narratário parece ser uma condição *sine qua non* para a escrita de todas as obras de fundo empírico que George Orwell produziu até a data em que *The Road to Wigan Pier* foi publicada. Quer nas obras de maior extensão, como é o caso de *Down and Out in Paris and London*, quer nos ensaios, como é o caso de “Shooting an Elephant”, existe uma forte noção de que o narratário é alguém que compreende aquilo pelo que o narrador está a passar, alguém que de facto partilha do mesmo fundo moral e dos mesmos valores que a voz narrativa. Esse uso recorrente e peculiar daquilo que Roland Barthes viria a definir como “código cultural” viria a ser submetido a um tratamento completamente novo em *The Road to Wigan Pier*, quando Orwell, com o auxílio da exposição da sua condição através da sua curta autobiografia na Parte II, identifica o seu narratário com aquilo que o narrador era *antes* de passar pela experiência de conviver com e conhecer melhor os habitantes de Wigan e das demais cidades do norte da Inglaterra (relegando o narrador presente ao papel de exemplo da consciência a que o narratário deve almejar para que o Socialismo possa ser estabelecido em Inglaterra). Esse tratamento mais refinado do artifício retórico do narratário é ainda mais relevante se considerarmos que *The Road to Wigan Pier* foi a primeira obra de fundo empírico de Orwell em que o escritor expôs de facto o estado do país dentro dos moldes que temos vindo a compreender como relevantes para a escrita de “the Condition of England”.

Seja através de uma empatia pré-concebida ou meticulosamente estruturada, a ligação entre o narrador e o narratário é essencial para compreender uma obra como representante do estilo de “the Condition of England”, uma tradição fundamentada acima de tudo na combinação de um forte sentido de identidade nacional com a exploração empírica do país. Contudo, embora nos ofereça uma pista para a ligação entre *English Journal* e “the Condition of England”, a questão do narratário não explica a leitura da obra de viagem de J. B. Priestley enquanto um documentário sociopolítico que, nas palavras de Robert Lynd, “brings home (...) the shameful conditions in which millions of the English people are now living” (qtd. in Baxendale 91). Para tal, proponho a análise de uma situação levantada quer por Orwell quer por Priestley durante as viagens que ambos efectuaram ao longo do território inglês; situação essa que, não se baseando em parâmetros estritamente sociológicos, oferece uma boa ferramenta de análise da sociedade assim como a encontraram. De carácter mais prescritivo, essa situação em particular diz respeito à maneira como esses autores compreendem a situação presente da sociedade que encontraram durante as suas respectivas viagens mediante a análise de uma das suas principais características: a produção em massa.

No quinto capítulo da sua *Road to Wigan Pier*, após uma exposição cuidada de diversos dados que caracterizavam o quotidiano económico dos habitantes das cidades do norte da Inglaterra, Orwell conclui que, embora com as suas naturais privações, as famílias daquela área que viviam com o auxílio do subsídio de desemprego ainda conseguiam sobreviver com uma vida “more normal than one really has the right to expect” (81). Isso deve-se, em parte, a um aumento da capacidade de consumo de uma forma geral, impulsionada em grande medida pela padronização dos bens de consumo. “You may have three halfpence in your pocket and not a prospect in the world, and only the corner of a leaky bedroom to go home to;” diz-nos Orwell, “but in your new clothes you can stand on the street corner, indulging in a private daydream of yourself as Clark Gable or Greta Garbo, which compensates you for a great deal” (*ibidem*). A produção dos bens de luxo, muitas vezes a preços mais acessíveis do que os bens de maior necessidade, foi uma das maneiras encontradas pelas indústrias para atender à demanda de uma população marcada pelas condições salariais precárias e pelos altos índices de fome e miséria.

Do you consider all this desirable? No, I don't. But it may be that the psychological adjustment which the working class are visibly making is the best they could make in the circumstances. They have neither turned revolutionary nor lost their self-respect; merely they have kept their tempers and settled down to make the best of things on a fish-and-chip standard. The alternative would be God knows what continued agonies of despair; or it might be attempted insurrections which, in a strongly governed country like England, could only lead to futile massacres and a regime of savage repression. (83)

A questão da padronização dos bens de consumo também está patente em *English Journey*, podendo se manifestar de diversas formas consoante a realidade que Priestley encontra. Logo na primeira página do primeiro capítulo, por exemplo, após ter entrado pela primeira vez num autocarro, Priestley admira-se com o luxo que aquele meio de transporte oferece por um custo tão baixo. “If I favoured violent revolution, the sudden overthrowing and destruction of a sneering favoured class, I should be bitterly opposed to the wide use of these vehicles”, comenta. “They offer luxury to all but the most poverty-stricken. They have annihilated the old distinction between rich and poor” (Priestley 9). Contudo, quando encontra noutras situações a marca da influência da América, uma das principais responsáveis pelo estabelecimento do mercado dos bens massificados em Inglaterra, o seu tom muda prontamente de uma subtil e bem-humorada empatia para uma forte crítica. Tome-se como exemplo duas passagens sobre a presença crescente dos costumes e dos meios de produção norte-americanos na sociedade inglesa que surgem em pontos diferentes do livro. A primeira aparece durante uma viagem efectuada por uma “long straight road” que liga a cidade de Southampton à Romsey, no sul da Inglaterra.

[This road] might have been anywhere: it is the standard new suburban road of our time, and there are hundreds of them everywhere, all alike. Moreover, they only differ in a few minor details from a few thousand such roads in the United States, where the same tooth-pastes and soaps and gramophone records are being sold, the very same films are being shown. (26)

O segundo exemplo surge-nos no oitavo capítulo do livro, “To Lancashire”. Priestley aqui faz uma visita às atracções turísticas da cidade de Blackpool, no litoral norte da Inglaterra, cidade tida como ponto de referência em diversão e entretenimento para todos aqueles que, assim como o próprio autor, nasceram em meio à paisagem lúgubre e desolada do industrialismo do norte do país no final do séc. XIX.

I'm not sure about the new Blackpool of the weary negroid ditties [blues]. It would not be difficult, I feel, to impose an autocracy upon young people who sound as tired as that. Fortunately, there are other young people who do not come this way at all, but go climbing on to the moors, into the Sun, and they may have their own ideas about politics just as they apparently have about holidays. (253)

Ao falar sobre a padronização do consumo nestes dois casos distintos, Priestley demonstra estar consciente de uma consecutiva padronização no modelo de vida dos ingleses, que em muito prejudica a identidade do país enquanto nação. O caso das festas de *blues* em Blackpool é um exemplo paradigmático desta tendência: Priestley aqui demonstra temer pelo futuro de um povo que obedece a modas passageiras que chegam do outro lado do mundo ao invés de explorar os recursos culturais que o próprio país tem a oferecer, propondo mesmo o extremo de uma situação hipotética onde a falta de interesse pelos assuntos nacionais eventualmente abrisse caminho a um governo autocrata¹⁸. A argumentação de fundo político com que fundamenta o seu comentário é dura e pertinente, e demonstra uma habilidade notável por parte de Priestley de fazer uso da sua experiência pessoal para atribuir ao narrador uma certa autoridade sobre o assunto; autoridade essa que se manifesta quer no papel de alguém que conhece bem a alienação como vítima de uma guerra travada por interesses alheios ao seu contexto circundante, quer no seu contacto com os gostos e as aspirações da classe trabalhadora através do seu *background* pessoal ou da sua profissão de jornalista, sendo o rádio uma das principais ferramentas de disseminação dos modismos estrangeiros.

Contudo, o maior mérito dessas duas passagens é a construção de uma relação binomial que dá corpo a um dos argumentos sociopolíticos principais de *English Journey*, que é o da América como o principal 'Outro' da nova Inglaterra. Essa posição torna-se suficientemente clara no final do livro, parte em que o autor desenvolve a sua teoria sobre as três Inglaterras. "The third England", conclui, "was the new post-war England, belonging far more to the age itself than to this particular island. America, I suppose, was its real birthplace" (Priestley 372). Assim como Orwell viria a repescar a sua posição sobre a sociedade de consumo quando confrontado com um dos principais

¹⁸ O argumento de que o alheamento é uma opção politicamente inviável seria, de resto, uma ideia que Orwell viria a subscrever com alguma consistência durante toda a sua carreira literária. Em *The Road to Wigan Pier*, esta ideia ganha um particular vigor, especialmente na segunda parte do livro. "Till quite recently it was natural to veer towards indifferentism", constata. "But that attitude is becoming difficult and even unfashionable. The times are growing harsher, the issues are clearer, the belief that nothing will ever change is less prevalent." (196)

argumentos contra a ideologia socialista – a inegável semelhança entre a industrialização desmedida e um estado colectivista temivelmente próximo do fascismo (Orwell 175) – Priestley repesca a empatia pela aparente sociedade sem classes proporcionada pela produção em massa que sentiu quando entrou num autocarro em direcção à Southampton quando confrontado com o grande dilema da influência norte-americana na cultura inglesa. As posições de ambos os autores são suficientemente claras e bem fundamentadas, e demonstram, quer num caso quer noutra, um conhecimento profundo das idiossincrasias do país de uma forma geral, sejam elas de carácter político ou cultural. E é esse conhecimento que permitirá, no final de cada obra, que cada autor estruture um diagnóstico da realidade nacional, que passa normalmente pelo argumento da responsabilização social dos ingleses enquanto membros da sociedade analisada. Essa combinação inerentemente pragmática entre a observação, o diagnóstico e a prescrição que ambos os autores apresentam é, de facto, o que distingue cada uma dessas obras não só como exímios exemplos do género “the Condition of England”, mas também como documentos de grande importância para as ciências humanas de uma forma geral.

Na segunda metade do século XX, a tradição não-ficcional de “the Condition of England” continua a reflectir as mudanças que ocorrem na sociedade, transmitindo em suas obras algumas das características essenciais da Inglaterra do pós-Segunda Guerra como a fragmentação pós-modernista dos modos de pensar e o aumento supersónico da velocidade de transmissão de informações proporcionada pela evolução dos média. Contudo, uma mudança em particular, que também ganhou um novo vigor como consequência dos conflitos da primeira metade do século, demonstra assumir um papel especial no desenvolvimento das questões relativas ao estado do país. Trata-se da questão do desenraizamento, exacerbada não só como consequência da entrada sem precedentes de cidadãos de outras partes do mundo em território inglês, mas também com a saída de muitos cidadãos ingleses da sua terra natal. Essa mudança definitiva no panorama social do país acarreta algumas consequências importantes para a escrita deste género. Por um lado, o contacto com culturas diferentes oferece uma maneira nova de ver a sociedade, o que virá reformular o papel do observador e trazer pontos de vista inéditos. Isto faz com que a fórmula de apreciação empírica do país a partir do ponto de vista de um cidadão inglês, adoptada pelos autores das fases mais antigas da tradição, seja perspectivada de acordo com as experiências particulares de cada sujeito.

Por outro, é consequência natural da mobilidade acrescida das populações do mundo que nos trouxe o século XX que o estado da Inglaterra deixe gradualmente de ser necessariamente o estado só *da* Inglaterra e passe a ser o estado de *uma* Inglaterra, com funções e obrigações bem delineadas no panorama mundial. O diálogo com outros Estados e estados torna-se essencial, o que levanta naturalmente, e de uma forma absolutamente nova, a questão da identidade, e da verdadeira *Englishness*.

Um dos estados da Inglaterra que não passará despercebido a nenhum observador que pretenda analisar a condição do país neste período é o papel da sociedade inglesa perante aquela que foi uma de suas antigas colônias, a América do Norte. Com o fim das guerras deu-se também o declínio do poderio colonial da Inglaterra, tendência que de resto terá sido intensificada pela desvalorização dos bens produzidos no país que começou já no final do século XIX. Em *English Journey*, Priestley dá-nos os primeiros sinais da determinação dos Estados Unidos em preencher a vaga de superpotência mundial deixada pela Inglaterra, perspectivando essa relação através de uma construção binomial e problematizando o conceito em termos identitários. Contudo, na segunda metade do século, essa troca de poderes parece estar relativamente estabelecida, e a América é tida por muitos dos autores que escreverão sobre a Inglaterra como verdadeira referência ao considerar questões do foro social, cultural ou político.

Um dos primeiros autores que nos apresenta essa tendência é Robert Chesshyre, autor de *The Return of the Native Reporter*. Nascido na Inglaterra durante a Segunda Guerra Mundial, Chesshyre, assim como grande parte dos demais contribuintes para a temática de “the Condition of England”, consagrou-se através do jornalismo. Foi esta profissão que o levaria a deslocar-se para Washington DC, nos Estados Unidos, onde trabalhou durante três anos como correspondente do jornal britânico de centro-esquerda *The Observer*. Em *The Return of the Native Reporter*, de 1987, Chesshyre conta-nos como foi a experiência de voltar à sua terra natal depois de todo o tempo que passou no seio da cultura norte-americana, sem que, segundo o autor, tivesse o cuidado de tomar as devidas medidas para amenizar um possível retorno. “A wise temporary expatriate might take the precaution of living with the implications of pending return to his native land throughout his years abroad, taking them out of mental storage occasionally, and pondering upon them”, afirma. “I didn’t. The new life in the United States drove out the old” (13).

Da sua “antiga vida” faziam parte os diversos episódios de revolta popular que tomaram conta dos destaques dos principais jornais da Inglaterra na década de 70, marcando uma época de autêntica crise social. “It was taken on trust that British institutions, the British political system and the consensus that underpinned them could deliver the society desired by British people. But the fractured, disagreeable seventies disabused people” (20), conta-nos o escritor. Na esperança de melhorar a situação deplorável em que se encontrava a sociedade, o povo inglês decidiu votar num candidato diferente, que transmitia uma imagem segura e determinada e parecia apresentar a solução certa para os problemas do país. Margaret Thatcher, do partido conservador, foi a primeira mulher a assumir a posição de Primeiro Ministro da Inglaterra, no dia 4 de Maio de 1979.

O resultado foi catastrófico. Os ingleses, que antes já contavam com pouco na sua carteira no final de cada semana, agora também teriam que começar a contar com padrões de trabalho e modos de vida mais duros e exigentes, enquanto os gastos ‘globalizados’ de uma classe economicamente favorecida cada vez mais restrita desestabilizavam de vez a economia do país, colocando a balança de importação/exportação da Inglaterra num declínio insuperável. Ao visitar a cidade de Easington Colliery, em Durham, e conhecer a situação precária dos trabalhadores daquela que outrora era um próspero centro de extracção de carvão, a desigualdade em que o país se encontrava tornou-se evidente para Chesshyre. A pequena comunidade no litoral nordeste do país demonstrava que a barreira norte-sul continuava tão presente então quanto era no passado, na época da indústria pesada ou da depressão económica dos anos trinta. Eis a maneira que o escritor escolhe para perspectivar a sua impressão:

Inequalities in Britain are reported in dramatic terms in the United States. It is one of the few subjects that get London-based American journalists off their bottoms. ‘THE TWO BRITAINS: the gap between stagnant north and prosperous south is wider than ever’ proclaimed a headline in *Newsweek* a few days before I travelled to Durham. (...) Kids hanging out on a northern council state – ‘For the country’s underclass, few prospects of a better life’ – were set against young people in evening dress at a party at St Paul’s public school – ‘Laps of luxury’. Crude stuff, perhaps, but the persistence of such reporting creates exactly the image of Britain as a class-ridden, inefficient society that Mrs Thatcher’s whole premiership has been dedicated to eliminating, and in the country that Mrs Thatcher admired above all others and wished Britain to emulate. (41)

O caso das medidas políticas ineficientes de Margaret Thatcher remete-nos uma vez mais para a questão da alteridade americana explorada por Priestley. Aqui, um modelo de sociedade que teve como principal objectivo emular a prosperidade norte-americana agrava exponencialmente a crise social inglesa, ressaltando a barreira intransponível que existe entre os dois países. Contudo, a maneira como Chesshyre desenvolve a sua elaboração apresenta-nos um argumento político ainda mais interessante para o caso da tradição de “the Condition of England”. A forma enviesada com que a imprensa norte-americana trata os problemas da Inglaterra aparece como uma forma inédita de perspectivar os problemas do país. Em *The Return of a Native Reporter* esse argumento tem ainda mais força, uma vez que nos é apresentado juntamente com o posicionamento político do escritor. Ao deixar o seu país anfitrião, Chesshyre deixa claro que irá sentir falta de determinados aspectos da sociedade americana, como o optimismo e a ausência de classes. “The American bond is the pursuit of success”, comenta; “Individual wealth in the American mind is a defence against tyranny” (15). Chegando em Inglaterra, contudo, após presenciar a situação das centenas de mineiros de Easington Colliery, o escritor reconhece que a ideologia de direita subjacente ao enriquecimento individual funciona de forma tão sólida nos EUA porque se coaduna de maneira especial com o modelo americano de sociedade. Um modelo semelhante adaptado à realidade inglesa, por outro lado, apresenta naturalmente sinais estruturais de fractura quando efectivamente aplicado, sendo a Inglaterra uma sociedade ainda regida em grande parte pela estratificação social. Assim, Chesshyre problematiza a situação política do seu país através de um repensar possibilitado pela sua situação social exclusiva, reinventando por fim a sua própria posição enquanto cidadão político inglês através da sua experiência nos EUA.

Em 1995, essa forma de perspectivar o estado da Inglaterra possibilitada pelas evoluções da segunda metade do século¹⁹ manifesta-se numa obra individual, com uma abordagem fresca e inovadora à temática de “the Condition of England”. *Notes from a Small Island*, de Bill Bryson, reinventa o género dentro do qual é escrita, quer na sua autoria, desta feita a cargo exclusivo de um escritor e jornalista norte-americano, quer

¹⁹ É de se observar, contudo, que, embora tenha obtido uma dimensão inédita com os avanços tecnológicos do século XX, a estratégia de narrar o estado do país como alguém que chega de fora não é fruto exclusivo dessa época. É possível observar instâncias onde esse posicionamento é utilizado em vários momentos da literatura inglesa. O mais famoso exemplo será talvez o de Horace Walpole, precursor do género de literatura gótica, que, em *A Letter From Xo Ho, a Chinese Philosopher at London, to His Friend Lien Chi in Peking*, de 1757, adopta a perspectiva de um imigrante chinês ao narrar as suas observações sobre a sociedade londrina do século XVIII.

na sua utilização predominante do humor como forma de ressaltar as idiossincrasias do país que observa. Vinte anos depois de se mudar para a Inglaterra, Bryson, natural de Des Moines, Iowa, decide voltar para os EUA com a sua família, possibilitando-lhes assim a experiência de viver numa sociedade diferente, com novos modelos de vida e possibilidades económicas mais reais. Antes disso, decide explorar o país que fora por tanto tempo a sua casa. “ (...) I had insisted on having one last look at Britain”, conta-nos Bryson, “a kind of valedictory tour round the green and kindly island that had so long been my home” (34). Como os demais representantes do género, *Notes from a Small Island* apresenta um relato empírico e marcadamente subjectivo dos cenários encontrados no país, com a diferença de que aqui a questão da identidade vem exposta de forma não-prioritária, e a falta do conhecimento nativo patente nas demais obras analisadas é compensada pela aplicação franca e caricata de um olhar assumidamente estrangeiro sobre o quotidiano inglês.

A presença de um narrador externo à realidade observada ajuda por vezes a repensar aspectos tidos como garantidos por outros autores do género. No primeiro capítulo, por exemplo, Bryson conta como foi a experiência de retornar a Dover, a primeira cidade inglesa que conheceu, duas décadas depois de ter desembarcado no país pela primeira vez. Num espaço de vinte anos, muito daquilo que conhecera havia mudado; de facto, para o narrador foi uma experiência análoga àquela de encontrar uma cidade completamente nova. “I didn’t recognize anything”, conta-nos; “The trouble with English towns is that they are so indistinguishable one from another. They all have a Boots and W. H. Smith and Marks & Spencer. You could be anywhere really.” Essa passagem estabelece um paralelo curioso com aquilo que J. B. Priestley escrevera cerca de 60 anos antes, na sua *English Journey*. Para o escritor natural de Bradford, um dos aspectos mais marcantes da alteridade americana seria justamente a padronização dos espaços urbanos ingleses, um aspecto ulteriormente indesejável por um país que tanto se orgulha das suas raízes culturais. Aqui, contudo, um escritor natural do mesmo país onde nascera a terceira Inglaterra apresenta-nos prontamente a ideia de que, afinal, a uniformidade é tanto uma característica que define a Inglaterra moderna quanto definira a influência Americana no país na década de 30.

Uma outra questão interessante explorada por Bryson é o sentido de distância particular dos ingleses, característica típica de uma identidade marcada pela insularidade. No início do primeiro capítulo, o escritor reconhece que existem determinadas noções idiossincráticas que um estrangeiro passa progressivamente a

aceitar quando se muda para a Inglaterra. “One is that British summers used to be longer and sunnier. Another is that the England football team shouldn’t have any trouble with Norway. A third is the idea that Britain is a big place. This last is easily the most intractable” (29). Bryson em seguida passa da sua elaboração sobre o sentido particular de distância que caracteriza os ingleses²⁰ para uma exposição da maneira como o resto do mundo é compreendido na Inglaterra em termos de notícias.

Consider how much news space in Britain is devoted to marginal American figures like Oliver North, Lorena Bobbitt and O. J. Simpson (...) and compare with *all* the news reported in any year from Scandinavia, Austria, Switzerland, Greece, Portugal and Spain. It’s crazy, really. If there’s a political crisis in Italy or a nuclear spill in Karlsruhe, it gets maybe eight inches on an inside page. But if some woman in Shitkicker, West Virginia, cuts off her husband’s dick and flings it out the window in a fit of pique, it’s second lead on the *9 O’clock News* and *The Sunday Times* is mobilizing the ‘Insight’ team. You figure it. (32; ênfase do autor)

Assim como Chesshyre, seu colega de profissão, Bryson também identifica uma certa discrepância na relação mantida entre os EUA e a Inglaterra através das páginas dos jornais. Contudo, a perspectiva externa de Bryson permite-nos constatar que essa discrepância assume contornos distintos dependendo do país analisado. Enquanto as notícias dos EUA que chegam à Inglaterra são marcadas pela abundância, pela falta de selecção e pela predominância do sensacionalismo, as notícias Inglesas recebidas pelos norte-americanos retratam situações sociais desfavoráveis e estabelecem fortes contrastes binomiais entre norte/sul ou passado/presente. Isso deve-se às maneiras diferentes com que cada uma dessas potências se projecta no imaginário de outros países. Enquanto os EUA são vistos como o país que inaugurou a era do consumo e do bem descartável, onde a vida e os filmes de Hollywood se confundem, a temática predominante na maneira como a Inglaterra é percebida é o declínio daquela que outrora fora uma das maiores potências imperiais do mundo, e a maneira como esse declínio se manifesta dentro e fora do território inglês. Assim, através do contributo desses dois colegas de profissão, é possível perceber de que forma a observação de manifestações jornalísticas que se assumem como correspondentes de um país pode servir para

²⁰ Robert Chesshyre também passa a partilhar de uma noção diferente de distância após o seu tempo passado nos EUA. “‘Isn’t everything small?’ my children said when they returned. The road at the bottom of our street is designated the ‘South Circular’, and bears all the through traffic from south London to the west (and back again): it is an ordinary shopping street, two carriageways wide, narrower than one of the suburban roads we have lived on in Washington”, conta-nos em *The Return of a Native Reporter* (16).

determinar características identitárias, que correspondem em maior ou menor escala à realidade de um local.

Porém, nem todos os estados a que temos acesso nessa última etapa de “the Condition of England” se prendem à análise de manifestações jornalísticas de questões identitárias. Enquanto alguns autores como Bryson e Chesshyre efectuavam o seu trabalho de observação partindo de um ponto de vista deslocalizado, outros experimentavam com novas formas de ver o país, onde o foco está mais na fragmentação de um centro cultural do que na deslocalização de um centro geográfico. Um óptimo exemplo dessa vaga de autores é Iain Sinclair, autor de *London Orbital*. Nascido em Cardiff, no País de Gales, Sinclair dedicou-se desde cedo à escrita e à produção cinematográfica, destacando-se no círculo vanguardista de autores britânicos dos anos 60 e 70 do qual faziam parte nomes como Peter Ackroyd e Douglas Oliver. Contudo, o maior trunfo de Sinclair é a sua contribuição para um movimento iniciado em França nos anos 50 que visava uma nova abordagem à observação dos processos de mudança partilhados por todos os espaços urbanos. No ensaio “Introduction to a Critique of Urban Geography”, Guy-Ernest Debord, um dos mentores deste movimento, utiliza o termo *psicogeografia* para qualificar esse tipo de estudo que, não contradizendo a perspectiva materialista do condicionamento da vida e do pensamento pela natureza objectiva, procura aplicar uma metodologia inovadora à compreensão do espaço circundante pelos seus habitantes.

Geography (...) deals with the determinant action of general natural forces, such as soil composition or climatic conditions, on the economic structures of a society, and thus on the corresponding conception that such a society can have of the world. *Psychogeography* could set for itself the study of the precise laws and specific effects of the geographical environment, consciously organized or not, on the emotions and behaviour of individuals. (Guy-Ernest Debord, “Introduction to a Critique of Urban Geography”²¹)

À semelhança da reestruturação proposta pela mudança paradigmática entre o método corográfico e o método geográfico de medição no século XVII, a introdução da psicogeografia apareceu como resultado de uma necessidade de reinventar a maneira predominante de dizer o espaço. A pluralidade do espaço urbano exigia uma leitura

²¹ Fonte: <http://library.nothingness.org/articles/SI/en/display/2>

geográfica que não se prendesse só a um domínio científico, mas que fizesse uso de uma transdiscursividade análoga ao plano multidiscursivo inerente à vida e aos modos de pensar daqueles que convivem dentro da metrópole moderna, para quem a unidade de significado passa também ela a ser cada vez mais plural. Assim, a psicogeografia procura criar mapas novos e mais adequados à necessidade de interpretação pós-moderna, utilizando aquilo que Phil Barker identificou como um misto de cartografia cognitiva e história local (323). “We are bored in the city”, diz Ivan Chtcheglov no ensaio “Formulary for a New Urbanism”²². “We don’t intend to prolong the mechanistic civilizations and frigid architecture that ultimately lead to boring leisure. We propose to invent new, changeable decors.”

E é precisamente essa invenção de novos espaços que está no cerne de *London Orbital*, de 2002. O livro parte de uma ideia original: intrigado com o simbolismo da M25, a auto-estrada que delinea o perímetro urbano da cidade de Londres, Iain Sinclair decide contorná-la a pé, buscando em última instância saber se o eterno círculo que caracteriza o traçado da via esconde em si um destino final. “ (...) I want to walk around the orbital motorway”, diz-nos o escritor; “in the belief that this nowhere, this edge, is the place that will offer fresh narratives” (16). Assim, subvertendo o propósito original da estrada e desfamiliarizando a sua representação, Sinclair procura partir do ‘não-lugar’ por excelência que o projecto urbanístico da M25 representa e atribuir-lhe um sentido através da experiência empírica de observação. Só através da sua inclusão dentro da cartografia cognitiva da cidade a estrada poderá assumir um papel discursivo e transformar-se em lugar.

I was developing an unhealthy obsession with the M25, London’s orbital motorway. The dull silvertop that acts as a prophylactic between driver and landscape. Was this grim necklace, opened by Margaret Thatcher on 29 October 1986, the true perimeter fence? Did this conceptual ha-ha marked the boundary of whatever could be called London? Or was it a tourniquet, sponsored by the Department of Transport and the Highways Agency, to choke the living breath from the metropolis? (3)

Neste trecho, é possível notar uma certa sobreposição de ideias que é inerente ao traçado de um mapa psicogeográfico. Sinclair observa que, além da sua manifestação mais pragmática enquanto facilitadora do movimento automobilístico da cidade de

²² Fonte: <http://www.bopsecrets.org/SI/Chtcheglov.htm>

Londres, a ideia da M25 está intimamente ligada aos ideais políticos do partido conservador da década de 80. A ideia da influência das medidas políticas na história local aparece-nos com ainda mais força quando Sinclair visita Lea Valley, nos arredores de Londres, uma área que passou a ser servida pela Orbital devido à sua importância fulcral na economia da região.

Government-sponsored brochures are got up to look like supermarket giveaways. Strap headlines in green. Articles flagged in blue. Colour photos. Designed not composed. That's how the planners (the strategists, the salaried soothsayers) see the Lea Valley. As an open plan supermarket with a river running through it. (38)

O mapa psicogeográfico define-se, pois, como um jogo de significados. A M25, a auto-estrada de Londres, é também uma cerca, um torniquete, uma fronteira. Lea Valley é o berço do pós-industrialismo, assim como uma manobra política, um supermercado, uma farsa. Assim, a pluralidade de sentidos de um mesmo lugar assume, em *London Orbital*, o papel da pluralidade de lugares que buscam um só sentido – a fórmula por excelência da escrita de “the Condition of England”. Todavia, a experiência não deixa de expor as particularidades políticas e sociais do local analisado, e nem prescinde da metodologia de observação empírica patente nas demais obras do género. Ou seja, ao substituir a horizontalidade da exploração do país pela verticalidade da exploração dos significados de uma parte do país, a obra não permite que a metodologia geral que governa a sua produção abdique do levantamento objectivo das idiossincrasias do país, um traço que caracteriza as restantes obras aqui analisadas. Assim como nesses outros exemplos do género, o objectivo final passa também aqui pela busca da derradeira definição das condições e dos locais analisados como tipicamente ingleses.

Mas mesmo nesta vaga de autores que têm na transdiscursividade o seu maior recurso de mobilidade, ainda é possível encontrar algumas obras que resgatam questões antigas e bastante familiares no universo da cultura inglesa. Uma delas é *Pies and Prejudice: In Search of the North*, de Stuart Maconie. Publicada em 2007, a obra relata uma jornada que Maconie, um jornalista enraizado na cidade de Londres, realizou em direcção ao norte do país; uma área que, segundo o autor, ainda é retratada no imaginário inglês com uma grande dose de subjectividade. “There is no south of England”, diz-nos Maconie; “there's no conception of the south comparable to the north. Good or bad, ‘the north’ means something to all English people wherever they

hail from” (1-2). Nascido na mesma Wigan que Orwell terá visitado na viagem que deu origem a *The Road to Wigan Pier*, Maconie sustenta a sua jornada com uma forte componente pessoal; para si, a descoberta do norte prende-se inevitavelmente a uma revelação importante da sua própria identidade enquanto cidadão inglês, e da maneira como a *Englishness* se manifesta em si enquanto alguém nascido naquela zona específica do país. O norte visitado é, para si, um norte pessoal, que “reflects both my centres of gravity, the directions that pulled me, the places that made me think, ‘I wonder what that place is like now’ at the beginning of a shiny new millennium” (p. xiv).

No final da jornada, Maconie confessa ter sido tomado por uma paixão incondicional por aquilo que viu, identificando uma forte identidade nacional e pessoal em grande parte dos locais por onde passou. Contudo, nem todos os aspectos que o autor observou foram positivos. “I came to realise, more than a little narked, that when columnists and commentators, poets and pundits sing the praises of things ‘typically English’, they inevitably mean southern English” (334). Assim como Orwell durante a visita que realizou à sua Wigan natal, Maconie compreendera a diferença patente entre o norte e o sul do país como uma questão que transcende o foro geográfico. Contudo, numa altura em que os estilos de vida e os espaços da cidade são vítimas de uma progressiva padronização, a diferença deixa de se justificar em termos económicos, e passa a se manifestar na maneira como os habitantes compreendem o seu papel dentro de uma configuração identitária fortemente enraizada no imaginário nacional – neste caso, um imaginário desde cedo condicionado pelo binómio norte/sul. Eis a experiência que utilizou para esclarecer a sua posição:

On a rainy drive across the Lancashire moors, I caught a short Radio 4 ‘issue-based’ story about childlessness but, for me, it was the minor detail that provoked the most thought. The protagonist was an academic with a cut-glass accent. She had lost a daughter called Cordelia and her neighbour was a TV producer. At no point was there any suggestion that these people and this milieu were in any way out of the ordinary. This was incredibly telling, I thought. Most people have never met either a Cordelia or a television producer. But as they discussed their (literally) extraordinary lives in voices of crystalline poshness, their remoteness from life as most of us live it was never acknowledged. If, however, you turn on a Radio 4 play and the voices are northern, it will inevitably be all about ‘being northern’. (...) [You] have to have a strong dramatic reason, a ‘hook’, in order to set your play outside the M25. The fact that most of the country actually lives there isn’t good enough evidently. (334-5)

A viagem de Maconie revela-se pois como um percurso que tem como motivo principal a temática do centro. Ao pesquisar aquele que seria o seu centro pessoal – neste caso representado pelo território geográfico que define a sua identidade – o escritor descobre que provém de um território excêntrico, fora dos padrões que uma fatia considerável da cultura inglesa contemporânea tende a considerar como normal²³. Assim como acontecia na época dos grandes romances industriais, no início de um “shiny new millennium” a capital cultural e económica da Inglaterra continua a ditar uma divisão geopolítica desigual, onde grande parte da população tem as suas vidas regidas pelas modas e pelos modos (muitas vezes inconcebivelmente absurdos, como no caso da Cordelia e do seu vizinho produtor) de uma parte exclusiva do território nacional. *Pies and Prejudice* é, pois, uma obra que pertence ao último período de “the Condition of England” na medida em que representa uma desterritorialização indissociável do modelo inglês de sociedade após a Segunda Grande Guerra. Aqui, essa desterritorialização manifesta-se não só na conclusão de que, assim como já acontecia na década de 1930, a cultura e os parâmetros de identidade ingleses são em grande parte ditados pelas tendências que nos aparecem do sul, mas também no percurso de alguém que perspectiva a dinâmica da divisão social da Inglaterra através de dois centros distintos – o intelectual e o familiar – num exercício que problematiza a sua própria identidade enquanto cidadão.

Embora muitas das obras escritas nessa última fase de “the Condition of England” tenham, assim como a terceira Inglaterra de J. B. Priestley, uma origem alheia ao território dentro do qual o país está circunscrito – como é o caso de Bryson ou Chesshyre – o foco principal de cada uma delas não deixa de ser o resgatar de uma certa identidade cultural. Se a fragmentação do pós-guerra trouxe maneiras mais plurais de compreender a realidade, essa pluralidade veio só a ressaltar ainda mais a necessidade de compreender o filão original, o discurso primário a partir do qual todos os outros discursos foram originados. Contudo, diferentemente das obras anteriores do género,

²³ Um bom exemplo da descentralização cultural moderna aparece-nos quando Maconie conta-nos a experiência do seu primeiro contacto com a prática do *happy hour* na cidade de Essex, no sul da Inglaterra, onde viveu durante os anos 80. “It took me a while to realise that the happy hour, which had begun in Manhattan and migrated to Essex, fitted perfectly the drinking community it served, i.e. people who went to work in a suit or at least in regular clothes and thus would feel comfortable perched on a barstool with an overpriced lager. The thought of going straight out on the town (...) if you were black-faced with engine grease, wearing overalls and clutching an oily rag was less attractive” (11).

nessa fase mais recente de ‘the Condition of England’ a busca por uma identidade nacional una é compreendida em termos muito mais pessoais. Essa tendência manifesta-se por vezes directamente, como no caso das obras de Chesshyre e Maconie, ou indirectamente, como no caso de *London Orbital*, onde o resgatar de uma identidade nacional está ligado ao traçado de uma cartografia cognitiva – também esse um exercício fundamentalmente pessoal. A Inglaterra vira-se, pois, *para dentro*, para o foro do individualmente compreensível, e nesse palimpsesto cultural que representa todos os discursos do cidadão da metrópole moderna encontramos não só três, mas inúmeras Inglaterras, de origens tão diversas quanto as suas manifestações literárias. E em maior ou menor grau, representando a predilecção por um aspecto político mais igualitário ou a adopção de uma estratégia retórica que permita uma maior integração com o narratário, é possível identificar a Inglaterra de Orwell a ecoar em cada um desses autores. É, afinal, a Inglaterra de *Wigan Pier* que está presente nas minas de Easington Colliery por onde passa Robert Chesshyre ao redescobrir a sua terra natal; no legado cultural e jornalístico que Bill Bryson tenta identificar quando busca dar cor à sua segunda casa, no discurso político do mapa psicogeográfico da Londres de Iain Sinclair ou no próprio centro excêntrico de Stuart Maconie, fruto ele próprio de uma Wigan devastada pela industrialização do séc. XIX. Mais do que uma análise de “the Condition of England”, a obra de Orwell é, nas escritas mais recentes do género, ela própria uma manifestação inegável da própria *England*.

V – Conclusão

Em “The Lion and the Unicorn: Socialism and the English Genius” (1941), um ensaio onde aponta para a necessidade de construir um socialismo que se adeque exclusivamente ao modelo inglês de sociedade, George Orwell propõe a identificação das características que melhor definem o espírito nacional como um exercício político, cujo objectivo será encontrar uma forma de governo fundamentalmente inglesa. Contudo, de acordo com o escritor, quem tenta identificar essas características chega em última instância a factores triviais, pouco importantes por si só, e que contribuem ainda mais para a extensa teia de estereótipos que geram o preconceito entre culturas distintas. Não obstante a sua baixa relevância, Orwell observa que essas características não deixam de transmitir uma importante realidade acerca da cultura de ou da vida em um país. Uma característica definidora trivial mas “extremely well-marked” no imaginário inglês, por exemplo – a paixão pelas flores – encontra-se assim inextricavelmente ligada a uma importante característica sociocultural deste povo: a necessidade de privacidade. “We are a nation of flower-lovers, but also a nation of stamp-collectors, pigeon-fanciers, amateur carpenters, coupon-snippers, darts-players, crossword-puzzle fans”, diz o autor, “[a]ll the culture that is most truly native centres round things which even when they are communal are not official - the pub, the football match, the back garden, the fireside and the ‘nice cup of tea’”²⁴.

Ao tratar das questões pertinentes (e pertinentemente consistentes) apresentadas pelo corpus de textos que constitui aquilo que anteriormente defini como a “primeira fase” da tradição não ficcional de “the Condition of England”, concluí que o ponto de contacto por excelência de um conjunto tão heterogéneo de obras é a maneira como cada um dos autores que as compuseram introduz na sua escrita, em maior ou menor escala, uma característica prevalecte de definição do espírito nacional. Face a um território que apresentava características inegavelmente díspares, os autores viam-se com a árdua tarefa de integrar o todo fragmentado numa ideia pertinentemente una, algo que atribuísse um sentido à viagem efectuada e, conseqüentemente, ao país nela visitado. Surge-nos pois a identidade como a ideia redentora final, o *deus ex-machina* da problemática irreconciliável entre o ser e a sociedade, o nocional e o nacional.

²⁴ Fonte: http://www.george-orwell.org/The_Lion_and_the_Unicorn:_Socialism_And_The_English_Genius/0.html

Podemos assim concluir que, além de abordar determinadas práticas e maneiras de pensar que são particulares ao modelo inglês de sociedade, o processo de identificação de uma identidade nacional no âmbito da tradição de “the Condition of England” desempenha também um papel funcional. Os autores de quem falei durante o trabalho, dos mais antigos aos mais recentes, passaram meses a recolher laboriosamente diversos dados para poder no fim condensá-los em unidades de informação, que servirão para construir um modelo identitário por excelência. É-nos por fim apresentado como resultado o conceito do *truly English*, como unidade unificadora por excelência da identidade cultural e social do território inglês – uma noção identitária suficientemente abrangente para facilitar aos autores um maior contacto com os seus múltiplos narratários, permitindo assim uma maior porosidade à agenda política ou social subjacente ao texto em causa.

Contudo, a questão do quintessencialmente inglês conforme apresentada por “the Condition of England” está envolta em pluralidades, sendo a própria tradição também ela plural. O que significa realmente fazer parte de uma dada sociedade? Serão traços culturais como a paixão por pombos, carpintaria e palavras-cruzadas o suficiente para qualificar um indivíduo como pertencente a uma suposta unidade cultural? E o que se entende quando se fala efectivamente de ‘unidade cultural’?

Tratando-se de um género que se expande por momentos tão distintos da história do país, é inevitável que as obras que participam da tradição de “the Condition of England” transmitam ideias distintas, consoante o paradigma sociocultural e a mundivisão vigente no momento da composição de cada uma delas. É, pois, de se esperar que em cada texto que narra o estado da Inglaterra seja encontrado um “estado” aliado a uma Inglaterra diferente, com as suas próprias características políticas e sociais. A Inglaterra repleta de resquícios romanos que William Camden encontrou na sua *Britain, or, a Chorographical Description of the most flourishing Kingdomes, England, Scotland, and Ireland* em nada se assemelha à Inglaterra conceptual e cognitivamente estabelecida repleta de resquícios de discursos distintos que Iain Sinclair identificou em *London Orbital*, assim como a Inglaterra estrangeira que Bill Bryson caricaturou em *Notes From a Small Island* pouco tem que ver com a Inglaterra estrangeira que Engels aliou ao seu desenvolvimento político em *The Condition of the Working Class in England in 1844*. “But then”, questionaria Orwell, “what have you in common with the child of five whose photograph your mother keeps on the mantelpiece? Nothing, except that you happen to be the same person” (*ibidem*).

Parece, pois, natural que o exercício da busca por um conceito definidor tenha obrigatoriamente que levar em consideração uma boa dose de fragmentação para que possa ser de utilidade. Pode-se mesmo dizer que, ironicamente, as divergências parecem melhor definir o povo inglês em determinados contextos do que qualquer característica definidora que trabalhe no sentido de uma tão utópica unidade cultural. A estratificação por classes, por exemplo, é uma questão que se assume incontornável para qualquer análise que se pretenda efectuar das condições sociais do país há mais de duzentos anos, enquanto outras diferenças, como a que persiste entre o norte e o sul, adquirem uma dimensão conceptual que parece ser proporcional à irrelevância que assumem num paradigma socioeconómico progressivamente padronizado – conforme nos indicou, por exemplo, Stuart Maconie, que, num norte que apresenta condições socioeconómicas cada vez mais justas, encontrou uma configuração identitária cada vez mais sensível a diferenças comportamentais que existem entre aquela zona e o sul do país. Ao mesmo tempo, os esforços efectuados no sentido de uma integração multiculturalista, perpetuados desde que a presença das comunidades das ex-colónias começou a se intensificar após a Segunda Guerra Mundial, levantam novas questões identitárias – questões essas que remontam a problematizações antigas, como a de Aristóteles sobre o papel de cada grupo de homens dentro da *polis* e dos elementos que estarão ou não “qualified by nature to govern”²⁵.

Daniel Defoe, autor de *A Tour through the Whole Island of Great Britain*, propôs uma forma de pensar a fragmentação do país muito antes da ênfase no discurso da dimensão multicultural da identidade que as diásporas pós-coloniais trouxeram no séc. XX. Face aos ataques xenófobos que sofreu o rei Guilherme III de Inglaterra na ocasião da sua ascensão à coroa britânica – que se prendiam sobretudo com questões de pureza identitária da *raça* inglesa – Defoe decide compor um poema satírico onde expõe o absurdo da defesa de uma identidade una. Surge-nos pois em 1701 “The True-Born Englishman”, um longo poema que desfrutou de um considerável sucesso popular.

Thus from a mixture of all kinds began,
That het'rogeneous thing, an Englishman:
In eager rapes, and furious lust begot
Betwixt a painted Britain and a Scot.
Whose gend'ring off-spring quickly learn'd to bow,

²⁵ Fonte: <http://www.gutenberg.org/files/6762/6762-h/6762-h.htm#2HCH0002>

And yoke their heifers to the Roman plough:
From whence a mongrel half-bred race there came,
With neither name, nor nation, speech nor fame.
(Defoe 194)

É de se notar que a figura do *Englishman* começou desde muito cedo a ser concebida como uma grande dose de heterogeneidade, uma imagem composta por diversos estados diferentes que ao longo dos tempos foram talhando a vida e a cultura na Inglaterra.

Em termos retóricos, a maneira encontrada pelos diversos escritores que contribuíram para o género de “the Condition of England” de unir o fragmentado ao abrigo de um conceito delimitado – e delimitador – passa pelo desenvolvimento de um percurso específico para o observador empírico proposto para o papel de narrador. Esse percurso consiste em três pontos essenciais: uma partida de um ponto familiar, uma viagem pelo desconhecido e uma volta à unidade de partida. Na volta, é-nos apresentado um narrador mais apto, em posse de um conhecimento que possibilita por fim uma absorção total e esclarecedora da realidade sobre a qual se baseia a análise efectuada. A unidade de partida é, portanto, a sociedade dentro da qual a figura do narrador se insere, da qual foi necessário que esse observador se separasse para que pudesse ter uma visão mais objectiva do seu objecto de análise. O ponto de chegada nada mais é do que essa mesma sociedade, embora modificada pelas conclusões retiradas sobre o seu estado através da identificação empírica dos seus maiores problemas. Esse sistema adequa-se perfeitamente ao conceito da viagem: o modelo da viagem pressupõe sempre um percurso circular, onde a partir do familiarizado é efectuado um ingresso no desconhecido, para que depois se retorne ao familiar com uma experiência acrescida.

J. B. Priestley apresenta-nos um bom exemplo dessa função retórica da viagem no final da sua *English Journey*. Ao retornar para Londres, o seu centro intelectual, Priestley aproveita o simbolismo do final da viagem e do retorno para a ordem unificadora (aqui ainda mais presente sendo o local de chegada a unidade administrativa do país) para dissertar sobre o conhecimento que ele próprio adquiriu durante o seu percurso.

I could think, and did, of many good things I had found in the course of this journey. For example, the natural kindness and courtesy of the ordinary English people. I have noticed more

downright rudeness and selfishness in one night in the stalls of a West End theatre than I have observed for days in the streets of some dirty little manufacturing town, where you would have thought everybody would have been hopelessly brutalized. And how often did I hear some wretched unemployed man and His wife say, ‘Ay, but there’s lots worse off than us.’ What a desperate battle these people fight, especially the brave and stubborn North-country women, to preserve all the little decencies of life! (388)

Esse tipo de reflexão sumariza bem as reflexões propostas pela retórica empregue pelos autores do género “the Condition of England”. Assumindo-se como autoridade sobre os assuntos da Inglaterra, o autor aqui elabora sobre temas mais densos e mais particulares a uma determinada ideologia política ou posição social, baseando-se nos aspectos observados e nos casos analisados durante a sua viagem. No caso de Priestley em particular, a questão de “the ordinary English people” demonstra ser especialmente pertinente, uma vez que, tendo nascido em Bradford, o autor sempre se projectou como um profundo conhecedor das disparidades sociais que marcam a distanciação económica entre o sul e o norte do país. Os frequentadores das galerias do West End – talvez eles próprios já afectados pelas mesmas sombras do colonialismo cultural norte-americano que afligem a sua querida Blackpool – são um caso atípico; a Inglaterra, a “verdadeira” Inglaterra, encontra a sua mais fiel expressão na “natural kindness and courtesy” das “brave and stubborn North-country woman”.

Mas e quanto a Orwell, qual é o seu papel nessa linha de identidades retoricamente estabelecidas? Fornecer-nos-á a sua *Road to Wigan Pier* um bom exemplo de união de um todo fragmentado sob uma ideia una, ou prevalecerá a ideia exposta em “The Lion and the Unicorn” de que, embora projectem uma característica importante de uma determinada cultura, as identidades nada mais são do que factores triviais que contribuem ainda mais para o preconceito? Ou, ainda pior, de que, na sua pior versão, essas características têm o poder de “absolve [highly civilized human beings] from all evil?”.

Para responder a essas questões, retorno a um outro ponto que deixei em aberto na parte final do segundo capítulo deste trabalho. Ao concluir a minha análise das diferentes obras que contribuíram para o género de “the Condition of England”, constatei que, além da identidade, havia uma característica de natureza metodológica que era essencial para a qualificação de uma obra que fala sobre o estado da Inglaterra como tal. Trata-se da *transdiscursividade* empregue em diversos pontos da linha

cronológica dessa tradição; a mesma transdiscursividade que permitiu que Mayhew (re)inventasse as ciências sociológicas na sua análise das ruas de Londres ou que Engels desse um novo vigor aos relatos políticos através do exercício da observação da condição da classe trabalhadora em Manchester.

Em *The Road to Wigan Pier*, a questão da identidade e a questão da transdiscursividade estão inextricavelmente ligadas. O percurso para Wigan não é um percurso que Orwell efectua sozinho, na companhia das suas próprias constatações e observações sobre a realidade observada. A viagem para as cidades do norte do país é uma viagem efectuada na companhia do seu leitor. É o narratário da obra quem deve tecer as suas conclusões negativas sobre a pensão dos Brookers, no começo do livro, e que depois, analisando progressivamente os dados demográficos relativos à vida nos locais por onde passa que lhe são apresentados, deve conseguir perspectivar, no fim do percurso, a partir da imagem de conforto proporcionada pela ideia de uma casa de uma família de classe trabalhadora numa tarde de inverno, um sinal de esperança para o futuro da sua sociedade e um modelo de prosperidade para todos os seus concidadãos. O narratário da obra é uma identidade em construção, o modelo por excelência de um *everyman* altamente contextualizado que precisa da experiência que o autor lhe oferece para adequar a sua ideologia a um modelo mais igualitário e mais relevante para a situação do país naquele momento, conforme compreendida por Orwell.

É na transdiscursividade patente nesse modelo identitário que se encontra o cerne do argumento traçado em *The Road to Wigan Pier*. Embora seja, assim como no caso de Priestley e dos demais autores ligados ao género de “the Condition of England”, uma identidade retoricamente estruturada, essa estruturação é feita de modo contrário ao que nos habituaram os outros autores da tradição. Para Orwell, existe um modelo de identidade prévio à sua viagem, um modelo que não é moldado pelas constatações retiradas sobre a realidade mas que as molda, que as une ao ideal político que culminará na conclusão da obra. Assim, Orwell transgride também o próprio discurso da tradição em que se insere, jogando com o conceito da identidade definidora de um modo único.

The Road to Wigan Pier apresenta-nos assim uma interpretação do quintessencialmente inglês que depende em grande parte do indivíduo que encarna esse conceito – enquanto percurso que este se propõe a fazer para dentro de si mesmo para observar de perto os seus preconceitos e os seus medos. O mérito maior da obra está na forma como Orwell aborda a experiência individual, com a sensibilidade e a sabedoria que a sua *própria* experiência pessoal – vasta como é – lhe permite. É possível um

convívio em sociedade pacífico e solidário entre aqueles que Defoe compreendia como “That het’rogeneous thing, an Englishman” contanto que se sejam levados em consideração os mínimos denominadores comuns para uma vida comunitária em harmonia, que são a justiça e a igualdade. Uma terra justa é uma terra que dá lugar às diferenças e dá abertura aos conceitos que procuram definir ou individualizar – ou, nas palavras de Boaventura de Sousa Santos, uma cultura onde “as pessoas e os grupos sociais [tenham] o direito a ser iguais quando a diferença os inferioriza, e o direito a ser diferentes quando a igualdade os caracteriza” (30). Esses são os parâmetros básicos para a construção de um modelo político que se queira justo para a sociedade onde é aplicado. Afinal, retomando as palavras de Thomas Carlyle que preconizaram o surgimento da tradição “the Condition of England”, “The condition of the great body of people in a country is the condition of the country itself”.

Na introdução ao texto de *The Road to Wigan Pier* publicada pela Penguin Books em 1989, Richard Hoggart diria sobre a confiança que Victor Gollancz depositou no jovem Eric Arthur Blair quando lhe propôs o tema para a obra, que o membro fundador do Left Book Club “would have had some idea of what to expect when, in January 1936, he commissioned Orwell to contribute to the line of ‘condition of England’ books that runs from Cobbett and Carlyle to our time” (v). Estabelecidos pois os termos de análise de *The Road to Wigan Pier*, ficamos um pouco mais próximos de definir um ponto de contacto definitivo entre a obra de Orwell e a tradição de escrita de território inglês que parte da observação empírica do país e do estado da sua sociedade. Conforme expus no capítulo II, existem diversos factores que contribuíram para que “the Condition of England” se estabelecesse como a tradição que hoje conhecemos, e esses factores podem ser de natureza diversa. O enquadramento de *The Road to Wigan Pier* na “line of ‘condition of England’ books” sugerida por Hoggart caracteriza apenas um desses factores, que é a contextualização dentro da tradição literária inglesa (embora até mesmo essa definição seja algo problemática, uma vez que o estabelecimento de um eventual ponto de surgimento da tradição já no séc. XIX pode resultar em alguma rigidez na abordagem ao tema). Contudo, o que Hoggart não constatou foi que o mais importante factor de ligação entre a obra de Orwell e a tradição da escrita do território inglês é a maneira como *The Road to Wigan Pier* propõe uma nova interpretação do conceito de identidade inglesa que subjaz a todos os demais exemplos dessa tradição – enquanto uma identidade que parte de um modelo prévio, questiona-o e oferece um

diálogo contínuo com a realidade, ao invés de se manter estático e confortavelmente disponível para todos aqueles que pretendem obscurecer as diferenças e as peculiaridades que são essenciais para o convívio em sociedade. Os “flower-lovers”, os “stamp-collectors” e os “pigeon-fanciers” podem ter um papel trivial para o contexto mais lato da história e da política do país, mas são uma expressão importante das características que definem o país onde habitam – uma peça essencial do verdadeiro estado da Inglaterra. Embora seja uma leitura transgressora, baseando-se em um modelo plural de sociedade ao invés de partir do princípio da união que regia todos os exemplos anteriores da tradição, é exactamente essa transgressão que Orwell nos apresenta que melhor define a obra como um exemplo do seu género. Afinal, se a fragmentação é uma característica do seu tempo, não há nada mais fiel à realidade de um determinado país do que partir das características exclusivas proporcionadas pelo seu posicionamento cronológico para observar o seu estado.

Em suma, embora não deixe de ser paradoxal que a unificação política sob a égide do Socialismo democrático proposta por Orwell compreenda uma unidade que pretende comportar a pluralidade e a diversidade – ou, nas palavras do próprio, onde haja lugar para “the private schoolmaster, the half-starved free-lance journalist, the colonel’s spinster daughter with 75£ a year, the jobless Cambridge graduate, the ship’s officer without a ship, the clerks, the civil servants, the commercial travellers and the thrice-bankrupt drapers in the country towns” (*The Road*, 215) –, esse modelo de integração é a característica principal da influência política de Orwell, que começou em *The Road to Wigan Pier* e foi sendo desenvolvida até a proposta ousada de um modelo político caracteristicamente inglês que nos é oferecida em “The Lion and the Unicorn”. E é justamente essa transgressividade que faz com que Orwell seja, até hoje, um modelo incontornável na tradição de “the Condition of England”.

Bibliografia

Aristotle. *Politics: A treatise on Government*. Project Gutenberg, n.p, n.d. Web. 9 Out. 2011 <<http://www.gutenberg.org/files/6762/6762-h/6762-h.htm#2HCH0002>>

Atkins, John. *J. B. Priestley: The Last of the Sages*. London: John Calder, 1981.

Barker, Phil. "Secret City: Psychogeography and the End of London". *London: From Punk to Blair*. Ed. John Kerr and Andrew Gibson. London: Reaktion Books, 2003. 323-33.

Baxendale, John. "I Had Seen a Lot of Englands': J. B. Priestley, Englishness and the People". *History Workshop Journal* 51 (2001): 87-111.

Briggs, Asa. *A Social History of England*. London: Penguin Books, 1987.

Bryson, Bill. *Notes From a Small Island*. London: Black Swan, 1995.

Carlyle, Tomas. *Chartism*. Boston: Charles C. Little and James Brown, 1840.

Chambers, Douglas. *The Reinvention of the World: English Writing 1650-1750*. London: Arnold, 1996.

Chesshyre, Robert. *The Return of a Native Reporter*. London: Penguin Books, 1987.

Chtcheglov, Ivan. "Formulary for a New Urbanism". *Bureau of Public Secrets*, n. p., n. d. Web. 8 Out. 2011 <<http://www.bopsecrets.org/SI/Chtcheglov.htm>>

Cobbett, William. *Rural Rides*. London: Penguin Books, 1967.

Davidson, Peter, ed. *The Orwell Diaries*. London: Penguin Books, 2009.

Debord, Guy-Ernest. "Introduction to a Critique of Urban Geography". *The Library*, n. p., n. d. Web. 8 Oct. 2011
<<http://library.nothingness.org/articles/SI/en/display/2>>

Defoe, Daniel. *A Tour through the Whole Island of Great Britain*. London: Penguin Books, 1971.

---. "The True-Born Englishman". *The Earlier Life and the Chief Earlier Works of Daniel Defoe*. Ed. Henry Morley. London: George Routledge and Sons, 1889. 175-281.

Dickens, Charles. *Hard Times*. London: Penguin Books, 1994.

Diniejkó, Andrzej. *The Victorian Web*. Brown University, 22 Feb. 2010. Web. 2 Oct. 2011 <<http://www.victorianweb.org/genre/diniejkó.html>>

Disraeli, Benjamin. *Sybil, or The Two Nations*. London: Henry Colburn Publisher, 1845.

Driver, Felix. "Moral Geographies: Social Science and the Urban Environment in Mid-Nineteenth Century England". *Transactions of the Institute of British Geographers* 13 (1988): 275-287.

Engels, Friedrich. "The Condition of the Working Class in England in 1844". *The Communist Manifesto*. Ed. Tom Griffith. Hertfordshire: Wordsworth Editions, 2008. 35-328.

Fox, Kate. *Watching the English*. London: Hodder Headline, 2005.

Gardiner, Juliet. *The Thirties: An Intimate History*. London: Harper Press, 2010.

Himmelfarb, Gertrude. "Mayhew's Poor: A Problem of Identity". *Victorian Studies* 14 (1971): 307-20.

Hoggart, Richard. Introduction. *The Road to Wigan Pier*. London: Penguin Books, 2001. v-xii.

Hughes, David. *The British Chronicles*. Maryland: Heritage Books, 2007.

Hunter, Lynette. *George Orwell: The Search for a Voice*. Milton Keynes: Open University Press, 1984.

Maconie, Stuart. *Pies and Prejudice: In Search of the North*. New York: Random House, 2007.

Marlow, Lawrence. Introduction. *The Communist Manifesto*. Ed. Tom Griffith. Hertfordshire: Wordsworth Editions, 2008. vii-xxvii.

Maxwell, Richard. "Henry Mayhew and the Life on the Streets". *Journal of British Studies* 17 (1978): 87-105.

Mayhew, Henry. *London Labour and the London Poor*. London: Penguin Books, 1985.

---. *London Labour and the London Poor*. Hertfordshire: Wordsworth Editions, 2008.

Orwell, George. "The Lion and the Unicorn: Socialism and the English Genius". *The Complete Work of George Orwell*, n. p., n. d. Web. 9 Oct. 2011
<http://www.george-orwell.org/The_Lion_and_the_Unicorn:_Socialism_And_The_English_Genius/0.html>

---. *Shooting an Elephant and Other Essays*. London: Penguin Books, 2009.

---. *The Road to Wigan Pier*. London: Penguin Books, 2001.

Priestley, J. B. *English Journey*. London: Penguin Books, 1987.

Rodden, John and Rossi, John. "A Political Writer". *The Cambridge Companion to George Orwell*. Ed. John Rodden. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. 1-11.

Rogers, Pat. Introduction. *A Tour through the Whole Island of Great Britain*. By Daniel Defoe. London: Penguin Books, 1971. 9-34.

Sabin, Margery. "The Truths of Experience: Orwell's Nonfiction of the 1930's". *The Cambridge Companion to George Orwell*. Ed. John Rodden. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. 43-58.

Sinclair, Iain. *London Orbital*. London: Penguin Books, 2002.

Stevenson, John. *British Society 1914-45*. London: Penguin Books, 1984.

Sutton, Dana F., ed. *The Philological Museum*. The University of California, Irvine, 14 Jun. 2004. Web. 2 Oct 2011 < <http://www.philological.bham.ac.uk/cambrit/>>

White, John. *White Beer Travels*, n. d. Web. 9 Oct. 2011
<<http://www.whitebeertravels.co.uk/orwell.html>>

Williams, Raymond. *Orwell*. London: Fontana, 1971.

Woodcock, George. Introduction. *Rural Rides*. By William Cobbet. London: Penguin Books, 1967. 7-25.